

SESSÕES DO PLENÁRIO

24ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 14 de maio de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADO ALEX LIMA (1º VICE-PRESIDENTE)

O Sr. PRESIDENTE (Alex Lima): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial com o objetivo de debater matrizes do forró e festas juninas, proposta pela deputada Fabíola Mansur.

Convido para compor a Mesa: a Sr.^a Proponente da sessão especial, deputada Fabíola Mansur; a Sr.^a Presidente da Frente Parlamentar em Defesa do Registro das Matrizes do Forró no IPHAN, deputada Fátima Nunes; o Sr. Diretor do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural, IPAC, representando neste ato o governo do estado, João Carlos Cruz de Oliveira; o Sr. Coordenador de Projetos do Programa Pró-Turismo, Marcelo Sá, que neste ato representa o secretário de turismo, Fausto Franco; o Sr. Diretor de Operações, Paulo Vital, que neste ato representa o superintendente da Bahiatursa, Diogo Medrado; o Sr. Presidente da Comissão de Cultura da Câmara Municipal de Salvador, meu querido amigo, vereador Silvio Humberto; a Sr.^a Coordenadora do Fórum Nacional do Forró, Joana Alves da Silva; o Sr. Técnico de Patrimônio Imaterial do IPHAN, Edson Miranda; o Sr. Cantor e Compositor Del Feliz; a Sr.^a Conselheira do Conselho de Cultura, Suely Melo; o Sr. Secretário de Cultura do município de Irecê, Sólon Barretto; o Sr. Presidente da Febaq, Carlos Brito; a Sra. Quadrilheira e Curadora Cultural, Ely Razek Machado; o Sr. Produtor Executivo do Trio Nordeste, Carlos Coroneto; a Sr.^a Presidente da Associação Asa Branca e Coordenadora do Fórum de Raiz da Bahia, Marizete Nascimento; a Sr.^a Diretora do Instituto Maracatu Bizoro Avoador, Rozania Macedo; o Sr. Presidente da Ordem dos Músicos da Bahia, Guilherme Akira. (Palmas)

Neste momento, parabenizando a iniciativa deste movimento cultural tão presente na Bahia e no Nordeste Brasileiro, parabenizando a proponente desta sessão, passo a palavra para a condução dos trabalhos à deputada Fabíola Mansur.

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Obrigada, Sr. Presidente. Declaro aberta esta sessão especial, que é também uma audiência pública, proposta por esta deputada que vos fala, aprovada à unanimidade na Comissão de Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Serviços Públicos e se realiza em conjunto com a presidente da Frente Parlamentar em Defesa do Registro das Matrizes do Forró da Assembleia Legislativa, a querida companheira, deputada Fátima Nunes.

Eu convido a todos para se colocarem em posição de respeito, para ouvirmos o Hino Nacional com o sanfoneiro Sandrinho do Acordeão.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Quero registrar aqui a presença do nosso Líder do Governo, nesta Casa, deputado Rosemberg; deputado, amigo, Aderbal Caldas e deputado forrozeiro lá do sertão, lá de Juazeiro, deputado Zó. O deputado Rosemberg disse que deveríamos começar com Asa Branca. Como Asa Branca é o hino do Nordeste, é o hino do Brasil, ela vai finalizar esta sessão com toda pompa, com todos os sanfoneiros tocando.

Eu queria aproveitar, já que fomos brindados pelo Hino Nacional para dar essa energia inicial proposta nesta sessão, aproveitar e convidar vocês, registrando aqui a presença da nossa amiga vereadora Aladilce, grande militante também da cultura, convidá-los a assistirem o vídeo Forró do Nordeste.

Esse vídeo é um vídeo institucional que marca todo um movimento artístico, um movimento nacional de registro junto ao IPHAN, das Matrizes do Forró, que começou – dona Joana vai falar sobre isso, e agradecendo já sua presença, veio lá da Paraíba – com essa solicitação em 2011 e nós tivemos a felicidade de, na semana passada, num encontro no Recife, já marcar a data da instrução técnica desse processo de patrimonialização das Matrizes do Forró.

Então, eu queria começar convidando vocês para assistirem esse vídeo institucional, que é muito bacana e marca também esta sessão especial e audiência pública que esta Casa tem a honra de fazer.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

Muito bem! Lindo, Del Feliz! Que honra terminar exatamente com você, nosso representante baiano.

Como o forró não vem só com a música, ele é um misto de dança e culinária também, eu queria que a gente entrasse no clima, assistindo agora à apresentação cultural da Quadrilha Forró do ABC. (Palmas)

(Procede-se à apresentação artística.)

Linda essa quadrilha! Temos aqui representantes da Febaq, Carlos e Eli também, quero saudar a Quadrilha do ABC por essa calorosa apresentação artística.

Quero neste ato passar a Presidência da Mesa para a deputada Fátima Nunes, presidente da Frente Parlamentar em Defesa das Matrizes do Forró, saudando a nossa querida companheira, deputada sertaneja. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula): Bom dia a todos e a todas nessa alegria do forró nordestino, concedo a palavra à proponente desta sessão, a deputada Fabíola Mansur, que usará a tribuna para fazer o seu pronunciamento.

A Sr.^a Dra. **FABÍOLA MANSUR**: Que dia maravilhoso! Dar bom dia, seria muito pouco para o que a gente está vivendo aqui, então, um ótimo dia para todos com esta sessão histórica. Uma sessão que faz com que esta Casa receba, começando os trabalhos das festas juninas, receba uma Mesa não só de pessoas comprometidas

com o forró, mas uma Mesa, uma verdadeira frente parlamentar da sociedade civil, da cultura, do turismo em defesa das matrizes do forró.

Queria começar saudando primeiro toda essa plateia de forrozeiros, toda essa plateia de artistas, toda essa plateia de quadrilheiros, de pessoas que se comprometem com essa luta. Quero saudar, inicialmente, a deputada Fátima Nunes com quem compartilho a Presidência destes trabalhos. A ideia desta, que começou como audiência pública, solicitada por Rozania Macedo e por Alessandra, ambas do fórum, e aprovada à unanimidade, ela é parte também da manifestação viva da Bahia para defender essa que é uma ideia que começou com dona Joana, na Associação Balaio do Nordeste, lá na Paraíba, em 2011, me lembro, na representação no Senado, com a senadora Fátima Bezerra, para que a gente pudesse tornar o forró patrimônio imaterial.

Nós não vamos aqui ficar falando da origem da palavra, seja filosófica, que é uma corruptela de forrobodó, seja a etimologia popular, que é *for all*, dos ingleses que trabalhavam na linha férrea, mas, mais importante dizer aqui, reafirmar o nosso compromisso com a genuína manifestação do Nordeste, cujo fenômeno, sem dúvida nenhuma, no final dos anos 40, foi o nosso Gonzagão, nosso Luiz Gonzaga. Marcou, efetivamente, o êxodo de todos os nordestinos, grande parte dos nordestinos, pela questão da fome, da seca, do desemprego para os grandes centros urbanos, onde eles exaltavam as alegrias e as agruras da sua vida no Nordeste, tornando esse gênero musical respeitado nacionalmente e que poderia ser internacionalmente igualmente respeitado se tivéssemos a capacidade de, como o samba da Bahia e do Rio de Janeiro, como o samba de roda do Recôncavo, nesse período, fortalecermos, visibilizarmos, oportunizarmos os nossos forrozeiros.

E eu quero, então, saudar toda a Mesa que aqui se faz presente e explicar essas representações. Nós temos aqui D. Joana, como já foi dito, João, quero saudar o IPAC que é parceiro do IPHAN, com certeza é para lá que nós encaminhamos solicitações de patrimônios para que sejam feitas instruções, é uma honra tê-lo aqui. E se não sair, D. Joana, primeiro nacional, nós vamos ter que encaminhar pela Bahia, e como a Bahia é terra-mãe, a gente vai começar, então, aqui. (Palmas) Inclusive encaminhamos uma solicitação para o IPAC, e aí saudando professor Edson Miranda, que é um técnico de política patrimonial do IPHAN, aqui recebendo o abraço de Hermano, que está em Recife, mas é um baiano de Recife, que é o diretor de política patrimonial e imaterial nacional.

Por exemplo, o samba de roda de Cachoeira, Suely, saudando você, representação do Conselho de Cultura e do Conselho de Patrimônio, o samba de roda começou no IPHAN, já é um patrimônio imaterial cultural e nós estamos aqui num processo, também, de torná-lo patrimônio estadual. E com o Forró é o contrário, nós estamos, há um tempo, tentando materializar a patrimonialização e nós não conseguimos, e isso é muito importante. Então, eu quero saudar Suely e você. Quero saudar Del Feliz, que representa um grande, já o conheço há muito tempo, desde o início da sua carreira o admiro, e saudando você, o seu esforço, Del, para, nesta Casa, o movimento que teve meu apoio, da deputada Fátima Nunes, dos deputados aqui

presentes, 63 deputados defenderam a Lei da Zabumba, um projeto de lei de maioria dos deputados desta Casa, que foi aprovado em 14 de julho, Del, e teve a sua participação efetiva.

Essa lei, que, inclusive, vamos discutir aqui hoje, é uma lei que não foi regulamentada. Essa lei define que 60% dos eventos tradicionais, culturais da Bahia possam ser de contratações de artistas da casa, artistas do estado, assim como faz Pernambuco, protegendo o seu frevo, e a Paraíba também, Dona Joana.

Nós temos ainda que fazer uma frente parlamentar para regulamentarmos junto com os forrozeiros, com as representações, com os deputados, com os órgãos que defendem essa patrimonialização e essa Lei da Zabumba. Fazer com que o governo, o nosso governador, que é sensível ao tema, possa regulamentar a lei, que facilita a fiscalização, facilita a criação de grupos de trabalho e certamente facilitará o fomento.

Quero saudar não só a representação da cultura aqui com o João Carlos, também a representação de Marcelo, de Paulo Vital, da Bahiatursa e da Secretaria de Turismo. Importante, porque o São João, para além de ser uma manifestação artística, e o forró para além de ser apenas São João, é responsável por uma cadeia produtiva gigantesca, porque o forró pode ser visibilizado apenas nas festas juninas, mas na casa do nordestino sempre toca forró o ano inteiro, porque é a essência da nossa alma.

Então, é esse o forró que a gente deve salvaguardar e é esse forró que gera dividendos para nós, que nós precisamos, não só através do registro imaterial que preserva a essência, que salvaguarda as nossas tradições, porque um pedaço de papel é importante para isso, é para manutenção, para salvaguarda, para investimentos, para gerar turismo, para gerar renda, para gerar emprego. E nós sabemos que as festas juninas na Bahia, por exemplo, geram em torno de R\$ 700 milhões.

E, nesse sentido, eu quero saudar também, representando aqui, já que estamos falando de Lei da Zabumba, o secretário de Irecê, uma das melhores festas de São João da Bahia, Sólon Barretto que trouxe aqui Claudinho do acordeom, que daqui a pouco vai nos brindar com uma apresentação artística. Secretário, fico feliz porque Irecê cumpre rigorosamente os 60% de contratação de artistas baianos e isso é muito importante, por isso representando os municípios você está nesta Mesa.

Quero saudar as representações das quadrilhas Carlos Brito, aqui da Febaq, nos encontramos tantas vezes em Periperi, e dizer que precisamos ter um registro do forró, também das tradições. A quadrilha é uma tradição que precisa também de investimentos municipais, estaduais, para que ela não se perca, para que essa tradição não se perca. Saudando você também, Eli, que é uma quadrilheira e curadora cultural, e você Carlos Brito, nós temos que também incluir a nossa juventude, porque a juventude que renova essas tradições. É com a juventude nas escolas, nesses movimentos culturais que são feitos que nós conseguimos preservar, renovando, preservando a nossa essência.

Quero saudar Rozania, quero saudar a muito aplaudida, Marizete, que hoje é coordenadora do Fórum, é uma pessoa junto com todas as representações baianas, e eu aqui peço a unidade, a unificação dessas representações, podem junto conosco,

com essa força tarefa que nós vamos fazer, tentar fornecer ao estado um grupo técnico que possa ajudar no cumprimento da lei. Então, eu quero saudar essas duas representações e também Guilherme Akira, da Ordem dos Músicos da Bahia. (Palmas)

Certamente, o forró é a representação mais genuína do Nordeste, vai do Nordeste para o Brasil, sabemos que ele está para trás de Luiz Gonzaga, mas o fenômeno se intensificou com Luiz Gonzaga se tornando um gênero, isso nos anos 1950 e depois vieram tantos outros como Dominginhos, como o forró malícia de Sandro Becker, de Genival Lacerda, e esse movimento foi na verdade, ele tinha o trio sanfona, zabumba e triângulo, que é o trio típico. Nós homenageamos o primeiro trio nordestino da Bahia. Quero aqui saudar Coroneto, cadê Coroneto? Está ali. Ah! Não. Está lá dentro. Quero saudar Coroneto. (Palmas) Esta Casa homenageou os 60 anos do Trio Nordestino, criado em 1958, foi o primeiro trio da Bahia, e com muita honra também de autoria desta deputada aqui junto com a deputada Fátima Nunes, nós estamos perseguindo essa salvaguarda do nosso patrimônio.

Para eu não falar muito, porque hoje é para ouvirmos esta Mesa, nós queremos aqui dizer que para uma manifestação que é viva, que é cultura viva, manifestação inclusiva das pessoas, não se pode fazer como um registro de um prédio, como o tombamento de um prédio. O registro de algo que é cultural e vivo ele precisa ter pessoas e precisa ser feito com pessoas, D. Joana, e por isso nós fazemos desta sessão especial e audiência pública que, infelizmente, vamos ter tantas pessoas e vamos abrir a fala apenas para algumas poucas pessoas. Nós queremos agradecer à *TV Assembleia* que está filmando esta sessão e vai servir também para ajudar a instrução técnica das matrizes de forró, queria dizer que pena... em 2011 quando D. Joana e a Associação Bailados do Nordeste propuseram isso à senadora Fátima Bezerra, teve vários senadores na época, a senadora Lídice da Mata, a nossa senadora, uma grande entusiasta e defensora do forró, nós tivemos... Para você fazer um registro imaterial é preciso se construir, Del, um dossiê, a primeira dificuldade que tivemos para fazer um dossiê e essa instrução técnica ser permitida precisava de investimentos, e foi através... só pôde ser feito o dossiê, o início do dossiê através de emendas parlamentares.

Vejam a importância do Parlamento e a cultura, do Parlamento e a educação, do Parlamento e a saúde, não só é a Casa das Leis, mas através de suas próprias emendas, como prioridade de seus mandatos, podemos fomentar aquilo que vem de um anseio da sociedade civil, esse é um anseio de todo Nordeste, esse é um anseio do Brasil, há muito tempo *Asa Branca* não é apenas uma música, *Asa Branca* é o hino do Nordeste, *Asa Branca* é o Nordeste resistência, *Asa Branca* é o Nordeste que resiste mesmo aos desgovernos que temos aí que querem fazer um revanchismo cultural fazendo e atacando cultura, desmantelando ministério e não se importando com o Nordeste.

Mas nós que estamos aqui, com orgulho de ser nordestino, temos que ter esse orgulho levado para as políticas públicas, levado para ações concretas que saiam um pouco daquilo que fazemos que é curtir a música, que é curtir o forró, que é defender

a sua essência, defender a sua salvaguarda, mas também defender nos nossos municípios que os nossos prefeitos toquem 60% ou mais dos nossos artistas locais para que se dê oportunidades não só no quantitativo de artistas, porque a Lei Zabumba... Aliás, a Lei Zabumba vocês sabem não é só para o forró. A Lei da Zabumba também prevê, no Carnaval e em outras manifestações da Bahia, um percentual majoritariamente de artistas baianos.

Mas como estamos aqui falando do forró, deputado Aderbal, deputado Zó, deputado Rosemberg, deputados federais que aqui se comprometem com essa pauta, é importante que nós possamos, junto à Bahiatursa, junto à Secretaria de Turismo, fazer uma salvaguarda real de investimentos, de contratação de artistas – dos artistas que são novatos aos mais tradicionais –, mas que mantenham a essência do forró.

É importante que, na nossa política pública, vejamos isso, porque se não efetivamos com investimentos ao segmento... A salvaguarda não é feita apenas pelo IPHAN, Edson. A salvaguarda é feita com o reconhecimento na Bahia pelos nossos governantes, por nós, deputados, pelos vereadores, Sílvio Humberto. Eu quero saudar o meu companheiro Sílvio Humberto, que é hoje o presidente da Comissão de Cultura.

Estivemos juntos, vereadores em Salvador, fazendo e aprovando, junto com a vereadora Aladilce, o sistema municipal de cultura, para possibilitar a salvaguarda das várias manifestações artísticas, com a participação das pessoas. Foi a mais democrática sessão de aprovação, dirigida pelo vereador Sílvio Humberto, quando ouviu as pessoas.

A importância desta sessão: ouvirmos vocês. É exatamente para essas três coisas. Primeiro: nós, aqui, da Bahia, fazemos, D. Joana, o nosso grito que nos incorpora ao movimento nacional pelo registro das matrizes do forró como patrimônio imaterial; segundo: pedir aos nossos governantes que neste próximo São João nós possamos ter investimento maciço, majoritariamente, nos forrozeiros baianos. E isso é possível fazer, porque é uma decisão política dos governantes; terceiro: criarmos um grupo técnico aqui com deputados, com vereadores, com forrozeiros, para que nós consigamos a efetivação da Lei da Zabumba.

Várias matérias do meu amigo Levi Vasconcelos, que estava aqui, há pouco, que li em 2015, que a Lei da Zabumba – que foi apelidada Lei da Zabumba, mas tem carnaval também. Mas pegou esse nome –, que a Lei da Zabumba deu chabu. Foi o que Levi nos disse. E provavelmente ele está certo. Deu chabu porque nós não conseguimos fazer com que a lei pegasse. A lei para pegar precisa ser regulamentada, precisa ter fiscalização, precisa ter o cumprimento dela pelo governo.

Eu acho que é o esforço também dessa audiência pública, de fazer essa lei, junto com todos os forrozeiros, fazer Del, junto com você, fazer com que essa lei seja cumprida e efetivamente a gente salvguarde o forró. Porque o forró, para quem é nordestino, já está salvaguardado no coração. Mas para quem é brasileiro, precisa reconhecer que o Nordeste exporta tantas coisas boas: na literatura, na cultura, na educação. E certamente o forró é um produto nacional, que precisa ser visibilizado, valorizado, salvaguardado.

Viva o forró! Viva vocês que são patrimônio vivo, histórico, para defender isso! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula): Muito bem, deputada Fabíola Mansur.

Pela ordem, eu passo a presidência para você, mas quero lhe comunicar que o deputado Zó, por ter de ir à reunião de líderes, pediu a palavra por uma deferência aos forrozeiros, e nós não vamos negar, não é?

Com a palavra, Zó. E passo a condução dos trabalhos à deputada Fabíola.

O Sr. ZÓ: Primeiro, agradecer esse espaço. Vou tentar ser breve, apesar de ser para falar de forró.

Quero parabenizar as mulheres pela iniciativa, Fabíola, Fátima. Combinou a sensibilidade do forró com a sensibilidade das mulheres. E eu queria fazer esse registro, lembrando aqui da nossa querida Marinês, a nossa rainha do xaxado, para quem eu peço uma salva de palmas. (Palmas)

O poeta, aquele que para mim é o maior poeta vivo, talvez cantor, compositor e músico, talvez o maior poeta vivo, o maior músico vivo, para não correr o risco de errar e não provocar nenhuma discordância, que é Elomar Figueira Mello, Elomar dizia: “Quem pensá qui esse bicho é da cidade / *S’ingana a saudade nasceu cá no Sertão / Na beira da foguera de São João*”. O poeta Elomar falava isso na música Função. Ele, que é de Conquista, numa transição entre três vegetações, mas é um catingueiro. E ele falava isso sobre o forró e sobre o São João.

O Brasil tem uma prática muito grande de destruir os seus aspectos culturais, isso na música negra, na música nordestina, na música do morro carioca. O morro carioca hoje não tem mais praticamente muita identidade. Nós ainda conseguimos no Nordeste, porque talvez o processo midiático ainda demorou um pouco mais de chegar aqui, mas ele chegou com uma certa força.

O que a gente fala desse processo de defender as matrizes do forró, ele tem um aspecto muito importante e uma simbologia muito grande, mas que a gente precisa colocar em prática. Por quê? Porque a gente tem uma discussão lá na região sobre tornar patrimônio imaterial também as carrancas do São Francisco e a gente vai perdendo as coisas da gente. E o forró a gente vai perdendo sem se aperceber desses detalhes. E aí, ficam os nossos cantores de forró, na época do São João, com muita dificuldade. Na época de São João! Eu não estou falando aqui fora do período de São João, não. Estou falando na época de São João, com muita dificuldade de trabalhar. Raras são as cidades, pelo menos na Bahia, minha querida representante aqui desse projeto – que vem da Paraíba, um dos berços importantes do forró –, raras são as cidades na Bahia que não transformaram o São João em um evento como todos esses que a gente conhece aí, um evento de glamour, que traz os sertanejos universitários – que parece que não se formam nunca, eu nunca vi um negócio desse –, que traz todos os outros tipos de música e raramente coloca uma atração de forró de verdade.

E aí, essas ações vão empurrando os outros municípios que ainda tentam resistir – como Senhor do Bonfim, como Uauá –, vão empurrando para que a população comece a pressionar esses municípios a fazer a mesma coisa. Em Juazeiro nós temos o chamado São João de bairro, que nós começamos a edificar quando eu fui secretário de Cultura lá – era vereador e me licenciei. E transformamos em evento de bairro, em que a gente ainda consegue manter principalmente essa Lei da Azabumba, botar artistas locais, juazeirenses, regionais e baianos e também, principalmente, o forró autêntico. A gente consegue colocar um dos maiores músicos que essa Bahia tem, que é Raimundinho do Acordeon, e que muito pouca gente conhece. É lá de Juazeiro. A gente conhece Targino, conhece o saudoso Manuca, conhece muitos músicos, mas fica um Raimundinho, que é uma essência do forró, renegado a tocar em muitas poucas ações.

Agradecendo a V. Ex.^a, minha querida Fabíola – que é forrozeira, já dançamos forró aqui na festa, nós dançamos bastante, vou dançar este ano de novo –, mas eu estava dizendo ali a Levi que a gente tem que começar por casa. Nós fomos para o São João, ano passado, da Assembleia: tinha o que de forró de verdade no São João da Assembleia? Eu sou forrozeiro, tenho uma predileção por folclore, eu praticamente não vi. E isso não é culpa do presidente que aí estava, não, porque você deixa para as pessoas cuidarem, e as pessoas não estudam o que é a essência da nossa cultura. E acham que aquilo tudo é forró, e esse negócio aí não é forró. Esse negócio não tem nada a ver.

Nós temos muita gente, nós temos uma essência aqui da música cultural brasileira que é Bule Bule, que eu registro todos os dias que faz forró, que faz coco, que faz chula, que faz piegas, que faz tudo isso. Pergunte quantos shows Bule Bule faz e o trabalho que tem para receber?

Então a gente precisa transformar isso aqui e alertar cada um da gente, nós mesmos. Estou falando isso para a gente, não estou atirando aqui para as outras pessoas, não. Porque se a gente ainda tem essa essência dentro de nós, vamos fazer com que isso transborde, que chegue às outras pessoas, porque é um momento de muita dificuldade. Fabíola pontuou aqui as questões nacionais que estão aí jogando na lata do lixo os aspectos culturais e intelectuais deste País. Mas temos ainda que nos reunir, acreditar em nós mesmo. Estão ali Pedro Sampaio e Marcelo. Nós estamos trabalhando em um projeto sobre a questão da cultura do Rio São Francisco, que é uma cultura basicamente peculiar, e nós...

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Para concluir, deputado.

O Sr. ZÓ: (...) não conseguimos fazer. Então, para concluir, eu acho que a gente tem que começar, meu querido Hilton, que está aqui, Aderbal, que está aqui também, poeta Aderbal Caldas – eu sei que Hilton tem esse compromisso também, além de outros compromissos com as questões culturais –, a gente tem que, primeiro – já falei com Nelson Leal, nosso atual presidente –, no forró deste ano da Assembleia botar forró de verdade, porque eu não sei dançar esses outros negócios não. Só sei dançar forró de verdade.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Valeu, deputado. Fique aí, se incorporando a essa frente em defesa do forró.

Eu queria abrir as falas da Mesa agora passando para a presidente da Frente Parlamentar em Defesa das Raízes do Forró, a deputada Fátima Nunes, outra sertaneja raiz, mulher de fibra, deputada que tem força, a gente aprende muito com ela.

Aproveito para registrar a presença dos deputados Hilton Coelho e Diego Coronel.

Vejam que esse tema... Nós tivemos aqui 7 deputados presentes nesta sessão.

A Sr.^a FÁTIMA NUNES LULA: Bom dia a todos e a todas. Quero saudar a nossa presidenta. E se a menina me der aqui o papel, me ajudar, eu vou saudar a todos os membros da Mesa.

Mas antes de saudar todos os membros da Mesa, eu queria dizer para o Del Feliz que se eu tivesse chegado a tempo tinha incorporado ao vídeo que apresentamos, agora de manhã, a minha presença, com a minha dança, ontem à noite, no povoado Deixaí, no município de Cansanção.

Essa dançadora aqui arrasou. Vou te mandar. (Palmas)

Portanto, queria mais uma vez saudar a nossa proponente da sessão, deputada Fabíola Mansur; o nosso Dr. João Carlos Cruz de Oliveira, diretor do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural, IPAC. Vou resumindo para encurtar. O coordenador de Projetos do Programa de Turismo, Marcelo Sá. Eu aprendi com a Dr.^a Vilma Reis que onde a gente está tem que dizer o nome e o sobrenome. Então mesmo que seja longo vão tendo uma pacienciazinha. Pois bem, Dr. Marcelo Sá, nesse ato representa o secretário de Turismo, Dr. Fausto Franco.

Eu costumo chamar todo o mundo de doutor, porque doutor significa ter autoridade, autoria. E nós somos autores de tudo na vida, todos os dias, portanto somos doutor e doutora.

Quero saudar o Sr. Diretor de Operações Turísticas, Paulo Vital, que neste ato representa o diretor superintendente da Bahiatursa, Diogo Medrado. E vou mandar aqui uns pedidos para ele; o Sr. Presidente da Comissão de Cultura da Câmara, o vereador de Salvador, Sílvio Humberto; a Sr.^a Coordenadora do Fórum do Forró, Joana Alves. Que bom tê-la conosco (palmas); o Sr. Técnico de Patrimônio do IPHAN, Edson Miranda; quero saudar mais uma vez Del Feliz, já dei também o meu pedido; a Sr.^a Conselheira do Conselho de Cultura, Suely Melo; “Ói nós!”. Estamos quase minoria nesta Mesa, não é meninas? Vamos ver se da próxima vez a gente aumenta as mulheres aí.

Quero saudar o Sr. Secretário de Cultura de Irecê, Sólon Barreto, que bom; o Sr. Presidente da Febaq, Carlos Brito. De vez em quando também me aperta o juízo. Saudar a Sr.^a Quadrilheira, curadora cultural, Ely Razec Machado. (Palmas)

Mais mulheres lá! Muito bem!

Quero saudar o Sr. Presidente do Trio Nordestino, Carlos Coroneto, muito bom. (Palmas) Onde é que está tu?

Sr.^a Presidente da Associação Asa Branca e coordenadora do Fórum Raiz da Bahia, Marizete Nascimento; Sr.^a Diretora do Instituto Maracatu Bizoro Avoador, Rozania Macedo; Sr. Presidente da Ordem dos Músicos da Bahia, Guilherme Akira.

Quero registrar também a presença desses companheiros de batalha, da luta, da arte, da cultura, da música, a Quadrilha Poeira do Sertão, organizada por William Azevedo; saudar Sandrinho Sanfoneiro, veio do Piauí, para essa bonita festa aqui hoje, essa audiência pública, sessão especial; saudar Birão, da Caravana de Alagoinhas; a Caravana de São Sebastião do Passé e os radialistas que estão presentes aqui. (Palmas)

Até acho que nós existimos, nós forrozeiros e forrozeiras – tanto os que tocam, como os que cantam e os que dançam –, nós existimos e uma boa parte nós devemos aos radialistas, porque sempre a gente, com o rádio ligado, está ouvindo a música do forró. E como ela embala a nossa alma, como ela aguça os nossos neurônios, ativa a nossa alegria pela sintonia nas palavras, pelo balanço dos acordes, tudo isso faz com que a gente nunca esqueça a música do forró.

Eu queria aqui reiterar as palavras do deputado Zó – porque sempre, sempre a gente debate esses temas. E foi muito bom que a nossa deputada Fabíola Mansur nos convidou hoje para essa conversa aqui –, que é o cuidado que a gente tem que ter com aquilo que é nosso, porque, do contrário, nesse Brasil capitalista, que historicamente tentou esconder aquilo que é bom para os brasileiros e vender aquilo que é bom para os capitalistas internacionais, se a gente não tiver essa força, essa fé, essa coragem e essa busca constante para dizer para nós que quem gosta de nós somos nós, a gente vai terminar ficando escondido no espaço. E, daqui a pouco, qualquer zabumbada, qualquer loucura... Eu não quero nem dizer o nome de uma música que eu fui obrigada, ontem, a pedir para o cantor não tocar, embora a liberdade exista. Mas tem aquele palavreado que é tão mesquinho, que é tão violento e, de certa forma, até ataca a nossa honra enquanto mulher, que a gente, às vezes, é obrigada a se posicionar e dizer: “Meu amigo, basta! Chega! Essa não dá!”

Porque o problema não é o balanço, porque o balanço até é bom, mas o problema é o palavreado. A palavra tem força e a gente não pode deixar as más palavras tomarem conta desse mundo (palmas). A gente tem que ter boas palavras: “*A vida aqui só é ruim / Quando não chove no chão / Mas se chover dá de tudo / Fartura tem de montão*”. (Palmas) São essas palavras que a gente precisa: de fé, de esperança, de busca constante. Principalmente, nesse momento desse retrocesso cruel, onde o povo do Sul esqueceu dos nordestinos, mandou capim, mandou carta negativa para a gente e elegeu uma figura que quer desmontar o nosso país. Nós que já vivemos e resistimos à fome, à seca, ao mandacaru que somos, não vamos aceitar um “Bozo” da vida acabar com o nosso país. (Palmas) Vamos com força! Vamos com fé! Vamos com luta! Vamos resistir!

Para concluir, eu queria dizer a todos e a todas, que no ano passado a gente fez várias reuniões, movimentos, estivemos com Joana, com Rozania. Esse ano eu já recebi o Coroneto e Alessandra e eu sempre digo, e vocês sabem disso: a união do povo é uma coisa muito boa. Se não fosse a união, estava todo mundo à toa.

Portanto, para esse nosso movimento prosperar, precisamos de união. E eu coloquei essa frente parlamentar... Aqui tem a frente dos que todo dia conversam, mas a frente oficial precisa de 21 assinaturas. Já temos desde o ano passado. Desarquivamos – porque terminou a legislatura e todos os processos são guardados –, reativamos e vamos tocar o serviço. E vamos vencer!

Obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Valeu, deputada. Deputada atuante, que preside essa frente, certamente, contará com mais do que 21 deputados à sua frente.

Eu queria agora convidar a Mesa, pelo tempo máximo de 5 minutos, para que todos tenham oportunidade de fala. Nós temos, aqui, inúmeros cantores, compositores, sanfoneiros, quadrilhas, vereadores, radialistas. E a gente precisa... Eu acho que esta Mesa representa bem essa diversidade, mas se tempo houver e se todo mundo respeitar o tempo, nós poderemos então passar as falas para a plateia.

Ele, premiadíssimo, já ganhou o Troféu Gonzagão quatro vezes, representa a gente no forró da Bahia no mundo, o nosso querido cantor e compositor Del Feliz. É muita honra ter a sua presença aqui, Del.

O Sr. DEL FELIZ: Primeiro, cumprimentar a Mesa na pessoa da deputada Fabíola Mansur. Que bom que, embora tenha sido registrada, aqui, uma comparação, mas eu vejo uma representatividade bacana das mulheres, hoje, nesta Mesa aí. Está muito bonita, muito bem representada esta Mesa. E que seja assim cada vez mais. Quero cumprimentar todos os integrantes da Mesa, todos os forrozeiros, todas as pessoas presentes e já começar dizendo muito obrigado. Eu acho mais do que qualquer outra coisa, hoje é um dia da gente agradecer, ter essa oportunidade da discussão. Acho que só da gente se encontrar com os verdadeiros representantes, os legais representantes nossos para a gente falar sobre cultura já é um motivo de comemoração, sim. A quantidade de forrozeiros amigos e pessoas representativas da nossa cultura também nos alegra. E quero aproveitar e agradecer, além da Fabíola, que nos representa muito bem na educação, na ciência e tecnologia e, também na cultura, pela iniciativa, mas também Fátima Nunes, que é outra guerreira também nessa luta, Aderbal, deputado Zó, Rosemberg, a vereadora Aladilce, que é uma amiga querida e está sempre também junto com a gente em todos os movimentos, em todos os momentos, não é Aladilce? Queria, registrar aqui alguns tópicos rapidinho que eu gostaria de citar para vocês. Acho que deixar de registrar a luta de Joana é impossível. Estamos vivendo um momento muito bacana, não só na Bahia, mas no Brasil inteiro. Eu tive a honra de participar de muitos desses encontros Brasil afora, por conta desse

start da Joana, desde 2011, para que a gente tenha o forró registrado enquanto patrimônio cultural do Brasil.

Na Bahia, a gente tem pessoas, hoje, como Marizete, e o IPHAN, hoje na pessoa do Edson; o nosso querido Paulo, da Bahiatursa; Solon e tantos outros, o nosso querido representante das quadrilhas, enfim. Acho que nós estamos muito bem representados – Rosane também que fez parte desse movimento no início e continua presente lutando – para todas as pessoas que fazem ou fizeram parte, acho que nós todos, acima de qualquer coisa, precisamos nos abraçar e aproveitar este momento.

A gente está vivendo um momento muito bacana, que são portas abertas. Sem o poder público, sem a construção de momentos iguais a este, a gente não sai do lugar. E que bom que, também, eu acho que existe um entendimento por parte dos artistas, e essa presença de vocês aqui hoje, acho que ratifica isso, de que a gente unida é muito mais forte.

Eu tenho acompanhado muito o discurso de muitas pessoas falando: “Ah, vamos salvar o forró. Vamos salvar isso, vamos salvar aquilo.” Eu entendo que o forró continua sendo muito representativo, nós temos o São João, a nossa festa mais completa da cultura, talvez da cultura brasileira, porque é uma festa que, além de ser inclusiva, de envolver todas as idades, uma festa de paz, economicamente estrondosa e importante para a Bahia e para o Brasil, mas uma festa da nossa música, da nossa poesia, da nossa dança, da nossa bebida.

É importante ressaltar a beleza, a emoção que dá na gente ver uma bela quadrilha se apresentar. Uma salva de palmas aí para esses maravilhosos... (palmas)

Eu tenho rodado um pouquinho do mundo, já são mais de 50 países levando um pouquinho da nossa música. Eu tive a oportunidade de levar comigo alguns outros parceiros, e a gente vê não só a forma carinhosa e respeitosa com que a nossa música está ganhando o mundo – eu acabei de chegar do Japão, foram sete cidades, participando de mais um festival, a terceira edição de um festival; nos Estados Unidos a mesma coisa; na Europa a mesma coisa, as pessoas querendo vir conhecer o Brasil para conhecer a nossa alma, a nossa essência por conta do forró. Japoneses dando aula de forró, aprendendo português por causa do forró. Isso nos deixa muito orgulhosos.

Acho que a gente sai um pouco desse discurso de coitados e de que a gente está precisando de socorro e vamos para o discurso de que unidos a gente vai poder muito mais – particularmente, eu queria, para encerrar, agradecer a Fabíola mais uma vez – acho que é muito importante a gente se dar conta de que nós lutamos, sim, pela Lei da Zabumba, com todo o respeito à diversidade.

Nós lutamos, porque acho que é pertinente a gente ter uma reserva de espaço, não só quantitativa para baiano, mas que valorize as quadrilhas, as danças e os forrozeiros principalmente, os verdadeiros representantes dessa nossa cultura, dos nossos festejos juninos, eu acho que isso é essencial, esse encontro e essa luta pela patrimonialização do forró também deságua nessa possibilidade.

E já tinha notado, inclusive, na minha fala esse ponto para solicitar da Fabíola, acho que ninguém melhor do que você, para a gente tentar essa regulamentação.

Porque eu acho que vai ser fundamental, não só para os nossos forrozeiros, quadrilheiros, mas acho que para a economia, para a cultura de um modo geral da Bahia.

Então é isso. Eu queria agradecer a todos vocês, dizer que a gente aproveita este momento, vamos nos abraçar, porque o forró é grande e ele está recebendo um carinho especial, estamos vivendo um momento histórico especial, e a gente abraçado, unido, aí ninguém segura.

Obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Obrigada, Del. Certamente esse encaminhamento será feito e você fará parte dessa força-tarefa.

Falando de forró raiz, eu queria convidar agora Coroneto, Carlos Coroneto, que representa aqui o Trio Nordestino, o primeiro trio baiano, de 1958, para fazer sua fala, pelo tempo de 5 minutos. (Palmas)

O Sr. CARLOS CORONETO: Bom dia a todos, saudando a Mesa, deputada Fabíola Mansur e deputada Fátima Nunes, pela oportunidade, vou falar aqui, vou ser bem breve. Estou muito feliz por hoje estar aqui. Quero registrar a presença também do cantor do trio Luiz Mário (Palmas), filho de Lindú, que é considerado um dos maiores cantores de forró deste Brasil. (Palmas)

Eu estou aqui representando só o forró e também sessenta anos de história. O Trio Nordestino foi fundado aqui em 1958, no Pelourinho, e de lá para casa a gente pensa que “ah, sessenta anos!”, mas é uma história de luta. Meu avô saiu daqui com 16 anos, Lindú tinha 15 e tio Cobrinha tinha 16 também. E foram para o Rio de Janeiro sem nada, tentar a vida. Gordurinha, grande compositor, radialista da época, convidou-os a participar lá da gravadora de rádio, mas não prometeu nada. Eles foram e conseguiram.

Vejo esta Casa hoje cheia, com vários forrozeiros aqui, e eu falo em nome de todos. Não é porque o Trio Nordestino tem um certo nome, graças a Deus, que as coisas são fáceis, não é deputados? Eu até lhes agradeço por estarem nos dando esta oportunidade, que, como Del disse, é um momento muito importante. E a gente pede a aderência de todos por isso.

Então, é uma luta. Eu digo em nome de todos que estão aqui: o Trio tem 61 anos, mas a briga, a luta é a mesma para contratação, para legalização de contratos, a gente passa por muita dificuldade. Então, a gente vê um movimento como este e fica feliz, porque a gente já vê no fundo uma esperança que as coisas vão melhorar. Porque eu vejo muito forrozeiro chegando... “é, poxa! o forró vai acabar; o forró... tô com medo, porque o sertanejo está invadindo...” Mas é isso aí, invade, infelizmente, mas não é só do sertanejo, isso é quem contrata. Então, a gente tem que mostrar, a gente tem que produzir. Todos que estão aqui têm trabalhos a mostrar, têm CDs prontos... Vocês produzem bastante, Del, Carlos Pitta, Verlando, Jô, que tem um trabalho bacana – todo domingo ele faz forró aqui em Salvador.

Então, o que a gente precisa é isso, é a aderência de todos. Não é porque um tem 61 anos e outro tem 2 meses. Todo mundo sobe ao palco para fazer o seu trabalho, todo mundo vai para a estrada e passa mais de 15 horas viajando para dar o seu melhor. E muitas das vezes nem é por dinheiro, é por amor ao que a gente faz. Então, agradeço a todos vocês. Peço realmente a atenção.

Dona Joana Alves é uma batalhadora. Estive com a senhora lá, naquele fórum em João Pessoa, em novembro de 2017, me apaixonei pela senhora também, com todo respeito, claro, e pela causa. E o que depender do Trio Nordestino, de mim, que estou morando aqui em Salvador agora para representá-los, porque já fui artista, hoje em dia não sou mais, mas estou aqui para ajudar, e o que precisar do Trio estamos aí.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Obrigada Coroneto. Certamente precisaremos do Trio e de toda a sua história.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Eu queria agora convidar ela, que é licenciada em educação artística, produtora cultural, atual presidente da Associação Cultural Balaio do Nordeste, que foi a proponente do registro junto ao IPHAN. Ela atualmente coordena o Fórum Nacional do Forró e vai nos dar uma aula aqui. Nos sentimos muito honrados de receber, lá da Paraíba, Joana Alves da Silva. (Palmas)

Bem-vinda, Joana. (Palmas)

A Sr.^a JOANA ALVES DA SILVA: Bom dia! É uma alegria imensa dar este bom-dia para esta plateia imensa. E quero cumprimentar a Mesa, maravilhosa. Estou muito feliz. É uma emoção muito grande que eu tenho vivenciado a cada momento, olhando agora para a nossa deputada que começou nos primeiros dias em que estive aqui na Bahia. Esteve conosco nos dando apoio, Fátima, e todos os forrozeiros que estão aqui. Essa bandeira que a gente vem carregando não é Joana, não. Somos nós juntos que vamos vencer essa luta.

Quando digo luta, não é porque a gente está brigando, não. A gente está lutando por uma categoria que estava quase que se esquecendo de se mobilizar. Não é que esteja esquecido, o forró não está morrendo, estávamos desestimulados de nos tratar com carinho para fazer uma mudança.

Então hoje eu estou aqui assim muito orgulhosa de estar vendo esse movimento que veio desde 2011. Nós construímos uma instituição chamada Associação Balaio Nordeste por um artista que sentia a necessidade de mobilizar ações porque não tinha espaço para trabalhar. Então foi um movimento, mesmo, de defesa da cultura.

Quando eu abracei a causa todo esse pessoal que estava dependendo dessa situação de mudança ficaram juntos lá na Paraíba. A gente foi vendo, discutindo o que a gente podia fazer e fomos dando as mãos e construímos um Fórum, pedimos o registro ao IPHAN e foi muito aceito. Nunca tive nenhum problema onde cheguei, nenhuma resistência para dizer que o forró não é importante, ainda não.

Então vamos dizer que o forró é importante, sim, que a gente tem muito para construir, para mudar. Tudo só acontece quando se quer fazer e se todos derem às mãos vamos acabar com o preconceito, com essa forma de tratamento que um pode mais que outro. Ninguém pode mais que outro, todos são iguais. (Palmas.) Eu acho que a gente precisa estar juntos, unidos por uma causa, entende?

Existe uma mobilização nacional, realmente existe em prol dessa causa, não é em prol de uma pessoa. Eu sou uma formiguinha aqui passando perto de vocês, trazendo essa boa nova, que nós já conseguimos dar o andamento graças a pessoas que acreditam nisso. Então o forró em 2020 se torna patrimônio cultural desta nossa Nação. (Palmas.) Isso eu não tenho dúvida, porque tudo que já fizemos foi graças a todos que estão nesse movimento. Primeiro, eu quero agradecer a todos que estão aqui presentes, porque eu sei que estão imbuídos dessa causa. Ninguém aqui veio só porque achou bonito, veio porque queria realmente fazer um bom trabalho e construir uma história, porque a gente precisa deixar um legado, que é esse documento assinado.

Isso, depois de assinado, vamos ver como é que vamos trabalhar. Não vamos parar depois que o documento estiver lá assinadinho, bonitinho no livro. Todo mundo vai receber uma edição, a gente vai distribuir em todos os IPHANs, em todas as Universidades, todo mundo vai ter o seu livrinho lá bonitinho, registrado, porém a gente começou uma luta, a gente não pode parar, porque depois do registro é a salvaguarda. O que é a salvaguarda? É a luta de classe pela melhoria do produto que a gente registrou. A gente batiza o filho e ele fica lá escondidinho? Não, a gente batiza esse filho e vai cuidar dele. E é isso que a gente tem que fazer com o forró.

Quero agradecer muito a quem se sensibilizou, quando estivemos aqui, estivemos em Brasília, na Paraíba teve o deputado Luiz Couto, que foi quem colaborou bastante com o movimento e trouxe uma emenda parlamentar lá para o IPHAN, a gente está falando isso aqui em nome do forró. Em seguida, a senadora Fátima Bezerra fez um belo movimento lá no Nordeste e depois no Senado lá em Brasília. Foi muito importante.

Quero agradecer também ao deputado Daniel Almeida, não sei se ele está aqui presente, que também fez uma belíssima ação dos 200 mil para este ano para o registro do forró, sendo que o registro já tinha começado e aí foi pensado para construir o restante dos fóruns que vieram. Não deu tempo no ano passado de a gente fazer, faltam 10 estados ainda para concluir os fóruns e isso foi muito importante. Uma salva de palmas para ele, para a sensibilidade dele, de contribuir com essa missão que a gente precisa ter. (Palmas)

Esse fórum, muita gente pensa que é um evento, gente, não é um evento. Nós estamos chegando em cada estado e convencendo as pessoas de se empoderarem, porque os artistas ficam: “Ah! Mas eu preciso do meu cachê, eu não quero chegar na porta de um deputado e na próxima eleição ficar malvisto.” Gente, não é nada disso, a gente precisa ir todos juntos, todos os artistas, todos as pessoas que são envolvidas com a cadeia produtiva da música.

Hoje, nós temos grande dificuldade visto o desmonte que está sendo feito na nossa cultura. Eu estou indo agora, dia 22, para Brasília. Fui convidada para participar de uma reunião que está acontecendo também lá na Câmara dos Deputados que é justamente para falar de cultura, para defender a nossa cultura. Então fui convidada e vou participar, vou estar lá com a senhora com certeza.

Então, vamos defender a nossa cultura. Como é que eu posso ter vergonha de dizer em qualquer canto que eu sou nordestina, que eu sou forrozeira. É muito engraçado, vou dizer aqui um pecado, eu defendo o forró com unhas e dentes, sou louca por sanfona: não toco, não danço e não canto. (Palmas) Mas está aqui, gente, no coração. Eu fui embalada com forró, com 6 anos de idade eu já ouvia as músicas, então, como eu poderia dizer que não sou forrozeira...

(A Sra. Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) só tenho a agradecer a todos que estão aqui, a minha gratidão a todas as pessoas que fizeram essa plateia maravilhosa e a composição da Mesa que eu sei que estão todos dentro desse nosso movimento, não tenho dúvida, eu quero uma salva de palmas para o nosso forró unido para sempre. (Palmas)

Obrigada.

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Dona Joana, a senhora não toca, não dança, mas a senhora mobiliza e emociona a gente e isso é que é importante, clamar por essa aliança. Obrigada pela sua presença e nos incorporamos a essa sua luta que é uma luta de nós todos e uma luta pela cultura.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA: (Dra. Fabíola Mansur): Falando nisso vamos agora chamar o vereador Sílvio Humberto que representa o presidente da Comissão de Cultura da Câmara Municipal, dizendo que cultura e políticos têm que estar juntos. Na verdade, essa vinculação não é uma vinculação de... deixa eu dar um beijo aqui. É uma vinculação de quem prioriza a cultura. Temos que ter emendas, deputado que valoriza a cultura ele faz emendas e essas emendas são necessárias, inclusive, para que a gente possa construir o dossiê do registro imaterial. E certamente, dona Joana, não só o deputado Daniel Almeida, a deputada Lídice da Mata, vamos conclamar os deputados federais e os nossos estaduais, deputado Hilton, a destinar emendas para colaborar com a concepção do *dossiê*.

Vereador Sílvio Humberto, é uma honra tê-lo aqui, um carinho enorme que eu tenho por V. Ex.^a, faz um trabalho muito importante na Câmara Municipal de Salvador.

Com a palavra pelo tempo de 5 minutos.

O Sr. SÍLVIO HUMBERTO: Muito obrigado, deputada e irmã Fabíola Mansur, (palmas) e aproveito para cumprimentar toda a Mesa juntamente com a deputada Fátima Nunes, é um prazer sempre reencontrá-la. Sueli. Rozania Macedo, que reforçou o convite para eu estar aqui nesta manhã, estou aprendendo muito. O

lado bom de você também ser professor é que você está sempre apto a aprender com os seus.

E eu vou me concentrar em algo que, para mim, é assim, para mim mostra o quanto o nosso país tem uma capacidade enorme de viver sempre numa contradição. Eu tive a oportunidade de conhecer uma dessas matrizes do forró, e vou me concentrar aqui nas quadrilhas.

Fui convidado por Pitágoras, que ali está, da Imperatriz do Forró, para ir até os Alagados assistir a um ensaio. E, depois, conversar com as pessoas. Depois, eu fui num sábado conhecer o ABC do Forró, a quadrilha o ABC do Forró. O vereador Hilton, que aqui... O deputado Hilton e a vereadora Aladilce... Aí é porque a gente tem... O nosso passado não nos condena, muito pelo contrário, nos impulsiona para frente. É assim, às vezes a gente fica procurando soluções mágicas e a solução está a nossa frente. O mundo que as quadrilhas movimentam e o envolvimento com a juventude! E nós que queremos essa juventude viva e orgulhosa, e as dificuldades são enormes. E eu fico me perguntando: por que é tão difícil fazer algo tão simples?

Um estado que o mundo do forró movimenta em um único estado, pegando os dados da deputada Fabíola Mansur, R\$ 700 milhões. Você multiplique isso por nove, quanto é que isso vai dar? Quanto dinheiro você gera, quanta ocupação você movimenta, e simplesmente você tem que estar fazendo sessões, audiências para reconhecer o óbvio. Aí você pergunta: por que não? E você vê milhões, trilhões sendo carreados para o mercado financeiro, a financeirização. E a economia real, a cultura que precisa ser o eixo estruturante do desenvolvimento do país, lembrando o que o ministro Gilberto Gil acertadamente, da forma genial que ele é, que é um forrozeiro nato, ele diz: a cultura não tem que ser a cereja do bolo, ela precisa ser o bolo, porque é isso que vai fazer uma enorme diferença. E tem feito. É só olhar o que movimenta.

E no caso das quadrilhas, o que eu pude observar, numa cidade como Salvador, é uma forma de você enfrentar a violência. Porque você enfrenta a violência orgulhando a juventude, elevando a autoestima. E você está movimentando a juventude e a diversidade. Às vezes, olham para os jovens negros e dizem assim: esse tem que ser regueiro, esse tem que ser do hip-hop. E, aí, quando você chega na quadrilha, quem está lá? Essa juventude negra.

Pegando aqui só o exemplo da cidade de Salvador, as pessoas que são bailarinos, dançarinos, que saem da Funceb, ao mesmo tempo está ali durante o Carnaval, aí encontra o espaço para a quadrilha, da quadrilha vai para a... como a gente chama, a valsa.

Então, assim, encontrando formas de sobrevivência em um mercado que poderia ser facilitado. E o estado, e nós que estamos à frente no governo do estado, é preciso ampliar esse olhar e sair da visão, olhe que sou economista de formação, com mestrado em economia, com doutorado em economia, mas eu sei que se você não avançar para além dessa visão tradicional e clássica de geração de trabalho e renda, a gente não vai reconhecer isso aqui. Para você reconhecer o mundo que o forró tem gerado, que não é favor, concordo, é só o óbvio, se está gerando... se for dentro de uma visão capitalista, vamos tirar aqui...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

...vou concluir...se não for dentro de uma visão capitalista...se está gerando recursos, está gerando renda, está empregando as pessoas e por que você não investe, por que não amplia o horizonte para reconhecer algo que está aí, que está enfrentando preconceitos, porque, também, de onde vem, porque está vindo do Nordeste e porque está lá dizendo na música “ vamos tornar o Nordeste uma nação independente”.

Então, tem essa dificuldade de quem está fazendo, porque, certamente, se essa matriz do forró viesse do Sul e Sudeste, a gente estaria falando de uma outra coisa, mas como nós somos nordestinos, nós somos resistentes e nós, principalmente, as pessoas negras que hoje ainda vivem o mais longo dos dias que é o 14 de maio, a gente não pode esquecer do que foi ontem e o 14 que não chega ao fim.

Eu estava conversando com Del Feliz ali quando essa sumidade, é a primeira que estou lhe ouvindo, mas as palavras, como disse bem a deputada Fátima Nunes e marco, a senhora falou *for all*, o forró para todos. E a gente brincou ali, *for all* e *forever*. Então, forró para todos e para sempre. (Palmas.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dr.^a Fabíola Mansur): Com certeza, parabéns pela fala, vereador Silvio Humberto.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): E aproveitando a fala das quadrilhas, queria chamar para fazer sua fala, primeiro ela, uma quadrilheira, curadora cultural, Ely Razek Machado. (Palmas)

Enquanto Ely chega lá...olha aqui tem uma quantidade de sanfoneiros, de cantores, vamos começar a citar alguns: David Ferreira, cantor e sanfoneiro; Rodrigo Araújo, cantor e sanfoneiro; Frankly Márcio, da Banda Zefa di Zeca; Zelito Bezerra, cantor e sanfoneiro; Cicinho de Assis, cantor e sanfoneiro; Sirley Garcia, produtor artístico. Daqui a pouco a gente vai citando o resto.

Com a palavra Ely Machado.

A Sr.^a ELY RAZEK MACHADO: Bom dia ou boa tarde a todos, quero aqui agradecer a Mesa cultural na presença do...primeiro nós vamos aqui, gente, exaltar a Deus que está ali bem grande, Salmo 91 e eu não sou nada sem Deus, sem Deus eu nem tento. Então, quero exaltar aqui o nosso Senhor.

E agradecer a presença da Quadrilha Forró do ABC (palmas), a Quadrilha Imperatriz do Forró (palmas), Poeira do Sertão (palmas), Asa Branca (palmas), as quadrilhas mirins: Luar e Germe da Era (palmas). Ao nosso presidente Carlos Brito que está aqui na Mesa, a todos, e agradecer pela oportunidade à nossa deputada Fabíola.

Muito obrigada, mesmo. (Palmas)

Gente, eu vou falar muito rapidamente aqui, mas é extenso. Vou preferir falar que nós temos 417 municípios, e cada cidade dessa tem uma quadrilha junina na sede. Mas eu, que rodo o sertão da Bahia, sei que dentro dos povoados tem muito

mais. E vou ser breve. Dizer que quando essas quadrilhas chegam a mim para se filiarem à federação e eu tenho um limite, não posso abraçar todas, isso me dói, porque conheço de perto isso e eu vivo dentro disso.

Eu venho do Recôncavo Baiano, de São Francisco do Conde, sou filha de mestre de capoeira. A minha mãe, porta-bandeira do Lindro Amor. Então, eu tenho, mesmo, no sangue a cultura. E eu sei exatamente do que estou falando. Eu quero falar das necessidades de colocar um trabalho que envolve música, dança e teatro ao mesmo tempo, que é a quadrilha junina.

E montar isso sem nenhum apoio maior não é fácil. Apoio maior que eu falo é porque a gente tem uma minoria. Claro que nós temos aqui alguns órgãos que fazem manter isso vivo – como, no governo do estado, nós temos a Bahiatursa, que nos tem apoiado como pode e ainda faz isso acontecer com força aqui, dentro de Salvador.

A cidade de Salvador já teve 400 e poucas quadrilhas, hoje resumidas a três na categoria adultos, atuantes, e duas mirins. É muito ruim isso, principalmente com as quadrilhas mirins, porque é de lá, dessa fonte, que se gera a fonte adulta.

E dentro do movimento junino a gente envolve toda a cidade do Salvador. Porque, por exemplo, o Forró do ABC está dentro da Liberdade.

A gente não tem um ponto de cultura. Seria interessante que a gente tivesse um ponto de cultura para desenvolver isso com mais êxito, porque a gente está fazendo um trabalho de cidadania. Porque, em paralelo às escolas, eles estão ensaiando com a gente. Praticamente o dia inteiro, sábado e domingo.

Nós temos 25 minutos para apresentar o nosso espetáculo. Um espetáculo que envolve música, dança e teatro em 25 minutos. Mas contar a nossa história é muito pouco, é muito pouco. Mas a gente consegue fazer isso. Só a arte consegue fazer isso, só a arte consegue.

Então, eu venho aqui pedir que, por favor, vocês nos ajudem a manter isso vivo, a manter essas pessoas ocupadas, porque a responsabilidade é nossa de manter esses jovens ocupados. E de dentro das quadrilhas juninas saem médicos, veterinários, advogados, professores, bailarinos de nomes nacionais e internacionais. Dentro da cultura junina nós temos aderecistas, costureiras, nós trabalhamos com cozinheiras.

Então, a gente envolve tudo isso, e no mercado direto, porque a quadrilha de Salvador já está conseguindo movimentar o mercado de outros estados, como Rio de Janeiro e São Paulo, onde a gente vai buscar as nossas pedras, nossas tintas, nossos bicos, mais adiante.

Então, a gente não está brincando, a gente está falando de um movimento muito forte nos 417 municípios que compõem o nosso estado. Em cada cidade dessa existe uma quadrilha que vocês não conhecem. Estou falando não de uma quadrilha que a gente fala ‘olha a chuva, olha o sol’, não. Estou falando de uma coisa muito mais além do que isso. E que é resistência, como disse bem.

Quero agradecer ao senhor pela visita ao Forró do ABC para ver de perto isso. Mas a gente tem outras quadrilhas aqui, em Salvador. E eu queria que vocês fizessem essa visita. Toda a Bancada está convidada para conhecer a gente de perto.

Obrigada, gente. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Obrigada, Ely.

É um movimento importante de valorização das nossas quadrilhas que, certamente, depende não só dos parlamentares, mas também dos próprios órgãos governamentais, como Bahiatursa, Setur, Secult.

Parabéns, Ely.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Quero, para complementar a fala de Ely, chamar Carlos Brito, presidente da Febaq, Federação Baiana das Quadrilhas Juninas, para também fazer sua fala. (Palmas)

O Sr. CARLOS BRITO: Boa tarde a todos.

Em primeiro lugar, quero cumprimentar a Mesa pelo convite, agradecer por demais. Saudar a todos os forrozeiros aqui presentes e, em especial, à quadrilha Forró do ABC, que no dia 9 de maio completou 37 anos de existência. (Palmas) E essa quadrilha Forró do ABC está representando hoje todas as quadrilhas da Bahia neste espaço.

Gente, Ely, a nossa secretária da Febaq, foi bem feliz nas colocações dela aqui. Mas a gente também não pode deixar de exaltar certo tipo de direcionamento. Como vocês assistiram, nesse instante, aqui, uma quadrilha se apresentando, esse é o momento final de toda a cadeia produtiva dela. Esse é o momento final, é o bolo pronto. Mas até esse bolo ficar pronto existe uma caminhada que não é fácil, é uma caminhada árdua.

A quadrilha junina tem um trabalho muito grande, não só cultural, mas social e educacional também, dentro das suas cidades e dentro das suas comunidades. Aqui, em Salvador, tem bairros que possuíam 22, 25 quadrilhas juninas, cada uma com 100 a 150 jovens. Hoje, em Salvador, encontramos seis quadrilhas juninas. Bairros que tinham essa quantidade de quadrilhas, hoje não têm mais. Saiu a quadrilha cultural junina e entrou a quadrilha da marginalidade.

Porque quando não se investe na cultura se dá espaço para a marginalidade crescer. O papel da Forró do ABC, da Asa Branca, da Capelinha do Forró, da Imperatriz do Forró, da Luau, da Germe da Era é um papel forte para a sociedade. Quando não se apoia a quadrilha junina muitos desses jovens que são resgatados, são colocados para aprender a arte, vão para a sinaleira, vão para outros cantos, vão para a noite, assaltar esses que não ajudaram, não investiram e não apoiaram a cultura.

Então, nós temos que ter um olhar diferenciado, porque a quadrilha junina não pode chegar ao seu fim, como aconteceu com o boi aqui, em Salvador. Como aconteceu com o Lindro Amor em Salvador. Como está acontecendo com o reisado em Salvador: extermínio total.

E a gente ainda está na resistência. Só para vocês entenderem, só aqui, em Salvador, essas seis quadrilhas juninas despejam na economia mais de meio milhão de reais. Trezentas quadrilhas na Bahia despejam R\$ 5 milhões na economia baiana (palmas), porque a quadrilha gasta entre R\$ 50 mil e R\$ 100 mil para colocar seu trabalho na quadra.

Aí, vocês me perguntam: “Carlos, despeja tanto dinheiro na economia, e de onde vem esse dinheiro?” Aí é que está! Vem dos chapéus tirados nas sinaleiras, pedindo; vem das festinhas na comunidade; vem do bater na porta da própria comunidade e do comércio da comunidade. Esse é o modelo que a quadrilha tem para resistir ao seu extermínio.

Eu não posso, aqui, deixar de exaltar ou de deixar claro que a quadrilha junina não é mais uma apresentação. Hoje, ela é um espetáculo. Ela transforma, ela exhibe, ela, hoje, se iguala às escolas de samba do Rio. Ela só não tem o tempo, nem o dinheiro e nem a quantidade de gente, mas o espetáculo é igual. Quem assiste a uma quadrilha junina sabe do que estou falando.

E esse espetáculo acontece pela força dos seus componentes. Esses ali de cima (Galerias) sabem o quanto eles lutam para botar e ajudar à diretoria da quadrilha para que essa quadrilha vá à quadra, essa quadrilha consiga continuar sendo a simbologia do São João junino.

Nós sabemos que o forró é importante. O forró é a cara do São João, mas a quadrilha junina é a simbologia do São João. Uma festa junina sem quadrilha junina, não existe festa junina, certo.

E deixo claro aqui, gente, não posso de forma nenhuma deixar de agradecer à Bahiatursa na pessoa de Diogo Medrado, o superintendente, a Bahiatursa que há 11 anos vem dando uma visibilidade ao movimento junino daqui, da Bahia, com um campeonato, apoiando o campeonato que, hoje, é um dos maiores campeonatos.

A Bahia, hoje, em termos de espetáculo junino, não deve nada a ninguém lá fora, porque eu também passei 3 anos como presidente...

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Para concluir, Carlos.

O Sr. CARLOS BRITO: (...) da Confederação Brasileira de Quadrilha Junina, fui ver lá fora o que acontece para ver o que está faltando aqui. Só está faltando uma coisa: apoio.

Então, peço aos vereadores aqui presentes, Aladilce e o vereador Humberto, que já viram de perto: vamos abrir a porta da prefeitura, da Câmara de Vereadores, vamos aceitar, vamos realizar, pegar essas emendas e colocar para as quadrilhas juninas. Vamos criar projetos de leis, vamos aproveitar..

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Para concluir, Carlos.

O Sr. CARLOS BRITO: (...) também os deputados daqui para trazer também essas emendas para as quadrilhas juninas.

Eu agradeço. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Com certeza, seu pleito será atendido.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Eu queria, agora, chamar o nosso querido Val Macambira, que vai nos brindar com um grande cordel em homenagem a esse momento especial que a gente vive. Val.

O Sr. VAL MACAMBIRA: Boa tarde, bom dia e boa noite, porque a gente aqui, é a sessão do forró, para a gente seria sem fim.

Vini, venha aqui. Cadê o meu sanfoneiro?

Vou fazer uma homenagem a Jackson do Pandeiro, mas, primeiro, vou fazer aqui uma pequena demonstração do que é o decassílabo, do que é o repente e do que é a improvisação dos derivados do forró, porque o forró é maracatu, é coco, é repente e é embolada também, e é improvisação. Esse é o nosso forró e o forró é música popular brasileira.

Enquanto o Brasil não respeitar e os órgãos públicos não respeitarem... porque as quadrilhas podem sair muito bem no Carnaval, os forrós podem tocar no Carnaval, tem espaço do forró no Carnaval. Falo com a bancada aí, porque a bancada é amiga de Val Macambira também. Então,...

(Apresentação de cordel e de música.)

O Sr. VAL MACAMBIRA: Obrigado, meu povo. Eu amo vocês. (Palmas)

Antônio José aqui fazendo esse apoio para Val Macambira, grande cantor, grande compositor. O Júnior está aqui na sanfona, também é sanfoneiro, é compositor, e Vini Brasil, que é mascote da gente.

Muito obrigado.

O Sr. Júnior: Eu quero ressaltar que hoje é aniversário de Val Macambira, gente. Uma salva de palmas para esse grande artista. Parabéns, irmão. (Palmas)

O Sr. VAL MACAMBIRA: Obrigado à Mesa por me dar essa oportunidade.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Ah, Val, na verdade dar oportunidade, não, é prestigiar os grandes artistas, o que você é, Val.

Quero, também, saudar Antônio José, pioneiro do forró, ele que vai fazer a comemoração do centenário de Jackson do Pandeiro. Vocês são a alma do forró e a vocês nós rendemos a nossa homenagem, a homenagem da Assembleia Legislativa.

E nós vamos terminar esta sessão com vocês voltando a esta tribuna para poder nos brindar com mais uma manifestação artística maravilhosa.

Eu queria aproveitar, são muitos aqui, e agradecer a vocês: citar Vini Brasil, que está aí; Júlio César; Júnior Novaes; Sandrinho; Sandro, produtor; Cicinho de Assis; tanta gente que está aqui.

Daqui a pouco a gente vai falar também de todos os outros que nos brindam com suas presenças.

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Eu queria aproveitar, já que muita coisa acontece no município, e chamar, para fazer sua fala, o secretário de Cultura de Irecê.

Aproveitando para também saudar o nosso ex-deputado e ex-prefeito de Irecê, Zé das Virgens, meu amigo querido. E saudar o nosso prefeito, o grande prefeito Elmo Vaz, que, certamente, cumpre rigorosamente a Lei da Zabumba e faz o maior São João... para a deputada Fátima não ter ciúme, um dos maiores São Joões da Bahia.

É uma honra enorme ter você aqui, secretário Solon.

O Sr. SOLON BARRETO: Boa tarde a todos.

Eu queria saudar a Mesa nas pessoas da deputada Fabíola e deputada Fátima, e dizer que é uma honra incrível estar aqui representando esses 417 municípios.

Quando entrei aqui, neste espaço, me veio uma alegria muito grande, porque eu sou de Salvador, sou soteropolitano, mas, hoje, me sinto muito mais um interiorano, um ireceense. Estou lá desde 97. E, hoje, estou secretário de Cultura.

Mas na época em que eu ainda vivia em Salvador, na minha adolescência, eu dancei quadrilha. E o que me motivou, o que me fez amar o São João e a quadrilha foram, para ser mais exato, três quadrilhas na época da minha adolescência.

Você falou aqui que a ABC tem 37 anos, não é isso? Pois, as três quadrilhas que marcaram a minha adolescência foram – não sei se existem ainda, por isso perguntei – Fogaréu, não existe mais, Arraiá da Esperança e Arraiá ABC. Eu acompanhava essas quadrilhas na época do Balbininho. Gente, aquilo ali era... como você disse tudo, não é apresentação, são espetáculos com todas as linguagens artísticas: teatro, dança, música.

Então, foi uma emoção muito grande.

E, aí, falando dessa valorização, eu vou para algo que é fundamental além da Zabumba. Gente, eu acho que não é uma obrigação nossa, acho que tem que ser um reconhecimento nosso. Isso a gente faz lá, em Irecê, desde a época de Zé, ex-prefeito, e, hoje, continua com o prefeito Elmo Vaz. Essa valorização existe. Eu estava falando ali com minha amiga que são oito quadrilhas que nós apoiamos, inclusive financeiramente, não só de espaço no São João.

A Fabíola esteve lá, ano passado, em nosso São João. O nosso São João é 24 horas há 4 anos, 24 horas. São quatro circuitos que a gente tem de São João. Nós temos uma cidade cenográfica, nós temos várias opções para todos os gostos e todas as idades. Mas, mais do que tudo, nós temos muito mais do que 60% de valorização do artista local, eu acho que até 70%, 80%, talvez.

Porque eu acho que isso não é obrigação, isso é reconhecimento, reconhecer que esses artistas são os artistas que fomentam as culturas do município para a Bahia e para o Brasil. Então, esses artistas eles precisam não só do espaço durante o São

João, mas eu acho que do espaço deles em todos os eventos que a gente promove no município.

Então, eu quero agradecer, na pessoa da deputada, a todos que estão aqui. Eu sei que alguns artistas que estão aqui já estiveram no São João de Irecê. A gente espera...

Estou vendo ali Pedro, um abraço; já falei com Del aqui, a gente vai conversar; e tantos outros. A gente recebe muito material na Secretaria de Cultura e a gente sabe que é humanamente impossível tê-los todo lá. Val, a gente vai conversar. Mas é um privilégio para a gente tê-los lá.

Irecê, hoje, tem um São João muito forte, mas eu acho que isso é dado a gestores que se comprometem. E você, Fabíola, está de parabéns, você é muito atuante em nosso território, você sabe o quanto você contribuiu para que a nossa cultura... Nosso lema de campanha, você sabe qual foi: 'Devolvam a nossa cultura'. Eu acho que isso também vale para o atual momento que nós vivemos no Brasil.

Muito obrigado. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Valeu.

O secretário Solon quer nos brindar, também, com a presença de Claudinho do Acordeon, que recentemente...

O Sr. SOLON BARRETO: Acho que o exemplo da valorização local é essa, não é?

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): (...) ganhou o Festival do Forró da Chapada.

O Sr. SOLON BARRETO: Da Chapada. Claudinho desde o ano passado que toca no palco principal, em horário nobre, dividindo o espaço com Dorgival Dantas e tantos outros. Claudinho é uma jovem promessa, vocês vão ouvir muito o que falar desse nome. Claudinho do Acordeon. (Palmas)

(Procede-se à apresentação musical.)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Valeu, Claudinho. Um brinde a essa nova geração de forrozeiros.

Eu queria agora convidar para fazer a sua fala a diretora do Instituto Maracatu Bizoro Avoador, ela também que solicitou esta audiência junto com a Frente do Forró Baiano. Mas eu queria chamar agora Rosania Macedo. (Palmas)

Peço a todos, ainda faltam cinco falas, que a gente mantenha o tempo, para que a gente possa fazer o fechamento com todos os sanfoneiros aqui.

Enquanto Rosania chega até ali, nós vamos, aqui, deputada Fátima, registrar mais algumas presenças.

(A deputada Fátima Nunes assume a presidência da Mesa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula):- Quero registrar a presença de: Peu Santa Luz, cantor e compositor; Leo Bite Bite, cantor e compositor; Aroaldo

Almeida, forrozeiro e radialista; Júnior Novais, cantor e compositor da Banda Serra Norte; Gregori do Brasil, cantor... muita gente veio hoje; Gilson Matos, produtor do forró Alpercata de Arrasta; Eduardo Scaldaferri, produtor de Vini Brasil; Luciano Freitas, sanfoneiro do forró Maré Alta; Verlando Gomes, cantor e compositor da banda Flor Serena; Jaciara Braga, presidente da empresa Mundo da Juju; Alaci Santos Brito, produtora cultural; José Francisco, produtor cultural do forró Frutos Nordestinos.

Com a palavra Rozania Macedo pelo tempo de 5 minutos. (Palmas)

A Sr.^a ROZANIA MACEDO: Boa tarde a todos.

Cumprimento toda a Mesa na pessoa da presidente da Comissão de Educação e Cultura, deputada Fabíola Mansur. Parabenizo a sua iniciativa, deputada, de receber e acolher a nossa petição.

Começo esclarecendo que, hoje, a gestão pública tem duas diretrizes legais. Uma diretriz é a estadocêntrica, a outra é a multicêntrica. E elas se encontram, se afunilam nesta plateia. Vemos aqui a diretriz do estado e a diretriz da iniciativa privada, da sociedade civil organizada, com todas as representatividades das matrizes do forró hoje aqui. Aí eu parabenizo todos vocês.

Desde o dia em que comecei, deputada, eu devo ter feito mais de 530 ligações convidando todo esse povo. Tenho me manifestado assim.

Quero parabenizar João, nosso superintendente do Ipac, que tem sido um guerreiro. Obrigada por acolher todas as nossas petições, por andar junto e aliado com essa militância. Eu te agradeço.

Embora ele não esteja aqui por estar em outro compromisso, também agradeço a Fabrício Hermano, do IPHAN, que é uma pessoa que tem caminhado conosco. Quero cumprimentar a representatividade da Secretaria de Cultura, que tem também assumido algumas proposições nossas. Enfim, cumprimento todos os que fomentam essa cultura do forró na Bahia e no Brasil.

Quadrilheiros, eu, que sou madrinha oficial da Forró do ABC, quero parabenizá-los por terem acolhido este dia e por terem vindo se apresentar tão bem nesta Casa. Quero também parabenizar Wiliam, que é da Poeira do Forró, de São Sebastião do Passé, obrigada por estar aqui com essa representatividade, por ter acolhido o nosso pedido e a nossa petição. Obrigada.

Saúdo as caravanas dos municípios. Obrigada, Birão, por ter vindo, fico muito agradecida, querido, por você ter vindo de Alagoinhas fazer trazer essa representatividade...

(Lê) “Estamos nesta Casa, onde são feitas as leis, para promover e debater o processo de registro das matrizes do forró, que foi protocolado no IPHAN nacional e no Ipac do estado da Bahia...” E aqui parabenizo D. Joana Alves por ter dado entrada no processo, vocês precisam tomar conhecimento disso. Sou proponente também do processo no IPHAN da Bahia, sou pioneira nesse processo de registro aqui. Vocês podem ver pelo SEI, tem lá o processo do estado da Bahia.

“(...) É importante esclarecer que esse processo está amparado pelo Decreto 3551, de 2000...” – a sociedade precisa saber – “(...) que institui o registro do Conjunto de Saberes, Fazeres, Expressões, Práticas e seus produtos, sendo que esse registro será feito em um ou mais livros...”

É por isso que essas matrizes estão aqui, hoje, representadas e caracterizadas, porque a gente está fazendo o mapeamento de todas as matrizes do forró.

“(...) que recebem o título de Patrimônio Cultural do Brasil e, após esse reconhecimento, passa a ser denominado Bem Cultural Registrado.

Para que serve o registro?...” Como D. Joana muito bem colocou, não é para ficar assentado nos anais das casas do IPHAN. Esse registro, essa documentação fica em todos os meios técnicos onde o IPHAN mantém banco de dados, com ampla divulgação e promoção para valorização do bem registrado.

Consequente, o que mais nos importa hoje não é ter um dossiê de registro no IPHAN ou em qualquer órgão amparado no Ipac. O que mais nos importa agora é a valorização da salvaguarda do bem, através da implementação de políticas públicas adequadas para proteger e blindar um bem da humanidade que está sendo realmente suplantado. Por isso, estamos aqui para fazer todas as reivindicações ao poder público, com a força estadocêntrica da sociedade civil organizada.

“(...) Com base no Decreto Legislativo 22/2006 e promulgado por meio do Decreto 5.753/2016, entende-se como salvaguarda as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, tais como: identificação, documentação...” Tudo isso perpassa pelo âmbito burocrático.

“(...) Abro um parêntese para convocar toda a sociedade civil e todos os detentores para montar, organizar seus GTs de trabalho....” Gente, isso é uma coisa muito séria, um patrimônio imaterial da humanidade está em processo no IPHAN, mas é preciso esclarecer para a sociedade. Tenham posse da cartilha do IPHAN, que diz que qualquer grupo de trabalho, qualquer GT de trabalho, qualquer comitê gestor, qualquer fórum, qualquer conselho-mestre, se levante.

Hoje, D. Joana Alves levantou um fórum nacional. Parabéns, D. Joana, por essa iniciativa. A iniciativa que ela teve é de toda a sociedade, de todos nós. Aqui na Bahia nós temos esse comitê gestor com vários artistas cadastrados, Comitê Gestor de Governança para o Forró, que estamos protocolando em todas as esferas do poder – estaduais, municipais e federais.

Faço representatividade nos principais municípios do estado da Bahia, onde também protocolei audiências públicas para que a gente, de certa forma, agilize esse processo.

Por meio de uma ação que protocolei na Câmara de Deputados, em Brasília, em 2018, nós conseguimos, através da Comissão de Cultura e do deputado Daniel Almeida, a quem eu reverencio, que fossem destinados 200 mil para o IPHAN da Bahia, para que pudesse, no IPHAN nacional, enquanto Bahia, ter a participação da Bahia nesse registro do forró.

Deputada, um pouco mais.

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Para concluir, Rozania.

Sr.^a ROZANIA MACEDO: Para concluir, deputada, vou entregar à senhora uma carta-manifesto com as assinaturas de alguns forrozeiros. Essa carta já está protocolada, inclusive, na mão da deputada Fátima Nunes, já que a gente precisa que a Lei da Zabumba seja alterada. D. Joana Alves está na Paraíba. Pois bem, se eu quiser levar os meus artistas para lá, não consigo. Na Bahia a gente tem de formalizar na lei que 70% das contratações sejam locais, e 30% para o intercâmbio cultural.

Então, deputada, lhe entregarei essa carta-manifesto de todos os artistas. Que a gente possa lutar não somente por isso, mas por todos os itens que estão nela. Que a senhora possa se atentar e nos ajudar nessa caminhada e nessa batalha.

Muito obrigada. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): O.k., Rozania, depois você virá formalmente entregar aos membros da Comissão de Cultura que estão aqui. Obrigada pela sua petição e parabéns pelo seu trabalho.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): A gente já está caminhando para o final.

Com a palavra, para falar um pouquinho sobre o IPHAN, o nosso professor Edson Miranda, que neste ato representa esse instituto. Ele é técnico de patrimônio imaterial/cultural do IPHAN aqui na Bahia.

Bem-vindo, Edson. (Palmas)

O Sr. EDSON MIRANDA: Bom dia, gente.

Um abraço fraterno a todos os componentes da Mesa. Quero parabenizá-la, Fabiola, por esta iniciativa importantíssima. Na realidade, se eu tivesse mais tempo, desenvolveria um pouquinho sobre a política pública, mas não vou poder.

Mas devo dizer que a política pública precisa, exatamente, desse tipo de iniciativa da sociedade civil, dos parlamentares, do Estado, do governo, para que ela possa ser implementada.

Como falei, o tempo é pouco, mas, se o pessoal da imprensa quiser mais informação, pode acessar o portal do IPHAN, pois temos lá um conjunto de informações sobre salvaguarda, sobre o forró, tem muita reportagem, tem muito material, muito conteúdo sobre o forró, inclusive.

Gente, muitos aqui já disseram que a Economia da Cultura é fundamental, e é mesmo. Mas eu, particularmente, vejo a necessidade, Fabíola, de resgatarmos as manifestações culturais pelos saberes que elas inserem na sociedade que estamos vivendo.

Um forró, um samba de roda, são manifestações seculares de grupos da formação da nossa identidade nacional importantíssimas para o mundo de hoje. Um mundo egoísta, narcísico, violento! E o que está por trás dessas manifestações é

exatamente a produção da alegria, é a produção da vida. O poeta já disse que onde tem alegria é sinal de que a vida triunfou.

O que a cultura popular produz é vida, minha gente! Esses saberes são vidas. Principalmente diante de alguns fenômenos culturais que presenciamos na vida contemporânea, tipo a cultura digital. Esta é importante, mas boa parte da população, principalmente da população jovem, deixa de ir em busca dessas outras manifestações, de outras tradições, por causa dessa cultura digital e, também, de alguns outros fenômenos religiosos. Principalmente aqueles ligados ao neopentecostalismo, que impede as pessoas de manifestarem outros credos, outras religiões. Diz que não devem ir mais a uma floresta retirar uma árvore, Del, para fazer uma festa para algum santo. E assim vemos diversas outras questões que vivemos no mundo de hoje...

Essa é a característica principal. Assim vemos este país deprimido, esta sociedade mundial deprimida, pessimista. O pessoal do *Pasquim* já dizia que no pessimismo nós não fazemos nem sexo! É isso mesmo, nem sexo se faz no pessimismo. Então precisamos tirar o país deste pessimismo, precisamos tirar a sociedade deste pessimismo. E como é que se faz isso? É resgatando a cultura popular, minha gente!

Por isso, Fabíola, é preciso que se tenha iniciativas deste tipo. É uma articulação geral. Tem um intelectual que pesquisa a cultura popular, que eu gosto muito, o Néstor Canclini, que diz que a grande característica da cultura popular – e isso não é somente no Brasil, é no mundo todo – é a sua fragilidade. Então é preciso um envolvimento muito grande para salvaguardar essa cultura.

Estava conversando com Joana e com Marizete sobre um grande seminário que o IPHAN fez em Pernambuco, na semana passada. Foi o start, como você falou, desse processo de instrução, que é um processo de pesquisa. E assim pesquisa-se, investiga-se essa complexidade que é o forró. E não é coisa simples; é complexa, com várias dimensões.

Há a dimensão melódica, a dimensão harmônica, a dimensão da consecução dos instrumentos musicais, com a inserção de cada comunidade naquele lugar, principalmente onde essa manifestação é mais simbólica. Então, é um estudo aprofundado – e é importante que seja aprofundado – para trazer essa adversidade.

Esse é o nosso papel do IPHAN, e eu falei com Marizete, falei com Joana...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Vou encerrar.

(...) que elas saíram revitalizadas de Pernambuco. E elas disseram que sim. Esse processo foi “startado”, mas, evidentemente, precisamos principalmente dos detentores, porque é outra característica, Fabíola, dessa política pública, que é recente no Brasil, é de 2000... Alguns outros países, inclusive, da América Latina têm essa política do patrimônio imaterial desde a década de 1930, a exemplo da Bolívia, da Colômbia e de outros países. Mário de Andrade, no Brasil, ao levantar o patrimônio material, levantou também muitas dessas manifestações culturais imateriais, mas por uma opção daquele momento, lá em 1937...

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Para concluir.

O Sr. EDSON MIRANDA: (...) o Brasil fez a opção de tentar preservar o seu patrimônio material.

Pois bem, é uma política de 2000. Mas foi até bom, porque aprendemos muito com o mundo, com a América Latina, e trouxemos esse conhecimento para aplicar na política pública que trabalha a questão da sustentabilidade e da autonomia dos detentores.

Nós do IPHAN temos certeza de que o forró vai ser registrado, tendo em vista a importância da sua continuidade histórica. Isso é ponto pacífico dentro do IPHAN. Mas, evidentemente, vamos articular e mobilizar as comunidades detentoras, porque, na nossa opinião, Fabíola, quem preserva um bem é quem tem identidade com ele, são os seus detentores. Se não houver o envolvimento desses detentores, dessas comunidades, não adianta a gente botar no papel, botar na lei, porque a coisa não vai para a frente.

Muito obrigado. Um abraço e boa sorte a todos.

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Obrigada pelo importante papel que você tem nesse processo, Edson. Obrigada por sua presença.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Com a palavra, representando aqui o Conselho Estadual de Cultura – ela também integra o Câmara de Patrimônio –, minha querida companheira Suely Melo, que terá o tempo de 5 minutos.

Peço que todo mundo se mantenha no tempo.

Enquanto Suely chega lá, anuncio as presenças de Carlos Pitta, amigo cantor, compositor e músico; Edmundo Faro, da banda Capital Só Forró; Zitomir, da Bahiatursa; Lindivaldo Campos, da Secult de Simões Filho; Bernadete, produtora cultural.

Com a palavra a querida amiga Suely Melo.

A Sr.^a SUELY MELO: Boa tarde a todos.

Quero cumprimentar a Mesa na pessoa da minha parceira, a conselheira Fabíola Mansur, deputada que faz também parte da Câmara de Patrimônio e do Conselho de Cultura do Estado.

Ao agradecer o convite enviado ao conselho, quero dizer que é uma satisfação imensa ver esta plenária lotada. Conheço algumas dessas pessoas há algum tempo, como Del, por exemplo.

Pois bem, devo dizer que o Conselho Estadual de Cultura é o órgão que receberá a finalização do estudo e terá a obrigação de fazer a análise e concluir o parecer, dando o registro de imaterial deste bem tão importante e tão presente na vida de todo o nosso estado.

É muito lindo, é maravilhoso! Espero ainda estar conselheira para assistir e acompanhar todo esse processo. E quero dizer a D. Joana que os seus cabelos brancos

são, na verdade, um lenitivo para o nosso coração. É muito bom saber que a senhora ainda quer lutar por aquilo que acredita; isso nos incentiva. Muito obrigada pela sua determinação e pela aula de saberes e fazeres que a senhora nos trouxe.

Muito obrigada, deputada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Obrigada, Suely.

Conversava aqui com o João e dizia que a gente vai acompanhar e fazer parte tanto do processo nacional, D. Joana, como também empurrar o nosso registro como patrimônio imaterial aqui na Bahia. Vamos ver o que sai primeiro. Se depender da competência do João e do conselho, tenho a impressão de que o daqui sairá primeiro.

Antes de tudo, a gente depende do dossiê. Para isso, é importante uma emenda parlamentar. E aí, deputada Fátima, é nossa responsabilidade buscar mais emendas para atingirmos a meta. Já há lá mais de R\$ 500 mil, me parece, mas tenho certeza de que os deputados baianos não faltarão nessa missão.

Chamo agora a presidente da Associação Asa Branca, na Bahia, e coordenadora do Fórum, Marizete Nascimento. (Palmas)

Enquanto ela chega à tribuna, registro as seguintes presenças: Pitágoras, da quadrilha junina Imperatriz do Forró; Jó Miranda, sanfoneiro e idealizador do Forró do Talco; Gustavo Coutinho, representando a OAB-BA; Cléber Santos, marcador da quadrilha Poeira do Sertão.

Com a palavra a querida Marizete.

A Sr.^a MARIZETE NASCIMENTO: Já é hora de dizer boa tarde, mas a minha fome mesmo é de forró. Esta não nos falta, graças a Deus e graças aos nossos associados da Asa Branca (palmas), que sustentam e alimentam essa nossa ansiedade.

Agradeço a presença de Serapião, que é um dos fundadores da Asa Branca – fundamos juntos a Asa Branca, que hoje está prestes a voar. Estamos nesse processo de registro com toda a nossa detenção, porque estão aqui os detentores. E quero pedir ao poder público para ajudar a manter os trios de forró, que são os detentores dessa matriz, porque eles têm muito pouco trabalho. A gente precisa assegurar a sustentabilidade desses trios, que fazem o dia a dia do forró.

Uma banda toca uma, duas, três vezes por mês, mas o trio de forró precisa tocar sempre, porque é uma banda menor, com um cachê menor, então dá para conseguir que eles se sustentem com esse saber deles. É o que peço aos poderes públicos, ou seja, que ajudem a manter esse povo trabalhando, porque eles são, realmente, os detentores das raízes, os detentores das matrizes do nosso forró.

As bandas vieram depois, mas os trios – ou os quartetos, porque, às vezes, o cantor não toca, mas canta –, que são bandas reduzidas, não são caros. E são eles que alimentam a gente. Todo domingo a gente tem forró, gente! Todo domingo a gente enche casa em Castelo Branco, enche casa em Pau da Lima. Temos o Forró do Talco, banda maravilhosa que eu praticamente vi nascer. O que eu peço é isso. O que a Asa

Branca segura mesmo é essa onda do forró de verdade. Forró de verdade é o que a Asa Branca defende, e isso está no seu estatuto. A nossa luta é para a manutenção do forró de verdade.

Quero agradecer aos que aceitaram o nosso chamado. A diretoria da Asa Branca está aqui. Louro Serapião, que foi o criador do Concurso de Sanfoneiros de Simões Filho e idealizador da Asa Branca, convidou uma turma boa, e a gente abraçou essa ideia dele. E hoje a gente está aqui.

Cheguei agora de Recife, onde participei do seminário promovido pelo IPHAN. Gente, eu voltei alimentada, porque foi muita cultura. Muitos pesquisadores estavam lá, entre eles uma moça da Universidade do Rio de Janeiro que pesquisa quadrilha há anos. Só conheci essa pesquisadora agora. Ela, que é aposentada da UFRJ, pesquisa quadrilha junina há muito tempo e tem muita informação. Já disse que ela vai ter de estar presente no nosso fórum, que está previsto para dezembro, para passar essa pesquisa dela.

Tivemos o nosso Celo Costa – que hoje faz parte do nosso fórum –, que também fez uma defesa da execução de sanfona maravilhosa, todo mundo adorou. Ele é um dos detentores jovens que mais preza e se alimenta da raiz. Celo, muito obrigada. Você representou muito bem a Bahia nessa pesquisa e nesse seminário. (Palmas)

Então, gente, é só agradecer a Zé Costa, Chico Leite, Luciano, Júnior, Joane – você nos representa; Ana, Gerusa Guedes, que é uma grande cantora de forró. Ela é de Feira de Santana, mas mora em Salvador. Obrigada por vocês estarem aqui. Obrigada, Silvinho; obrigada a vocês todos! Zé de Zumira, o primeiro vice-presidente da Asa Branca.

Obrigada, gente!

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Valeu, Marizete. Parabéns pelo seu trabalho,

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Antes das falas da Bahiatursa, da Setur e do Ipac, ouviremos agora a fala de Guilherme Akira, presidente da Ordem dos Músicos da Bahia. (Palmas)

Eu queria, enquanto Guilherme chega à tribuna, eu queria saudar Rosa Baiana e agradecer o presente, o CD. Saúdo Sissi de Assis e agradeço pelo CD. Saúdo Osvaldo Cajá, presidente do Bloco do Cajá, o amigo; Cícero Alves de Oliveira, de Chiquinha do Forró Pesado; Paulinha Oliveira, cantora e forrozeira, de Cruz das Almas; Gerusa Guedes; Birão do Acordeão, forrozeiro de Alagoinhas; e Alessandra Gramacho, coordenadora do Fórum Forró de Raiz da Bahia.

Concedo a palavra a Guilherme Akira ao tempo em que saúdo a sua presença.

O Sr. GUILHERME AKIRA: Boa tarde.

Saúdo todos os presentes à Mesa e a deputada Fabíola Mansur. Muito obrigado a todos da Mesa. Muito obrigado a todos os forrozeiros que estão presentes como as matrizes e as festas juninas.

Nós, Ordem dos Músicos, estamos representando, hoje, aqui, na Bahia, 250 mil músicos, os quais, há 48 anos, ficaram jogados ao léu. Eu tenho o prazer de estar, aqui, na Bahia, hoje, fazendo com que esta mudança aconteça.

Então, hoje, nós temos 20 mil músicos ativos junto com a gente aqui, na Bahia. Vamos chegar ao número de mais de 200 mil músicos e representando, também, a Ordem dos Músicos do Conselho Federal, como vice-presidente, representando 14 milhões de músicos no Brasil. Para quem não conhece os números, somos 14 milhões de músicos.

Estamos, aqui, para apoiar e defender, realmente, os músicos, não só baianos, mas do Brasil inteiro. A gente vem de uma intervenção federal, pois fizemos com que a Ordem dos Músicos seja representada e seja, realmente, a defensora dos músicos no Brasil.

Então, eu ouvi a reivindicação de muitos músicos, não só baianos, mas do Brasil inteiro. Na semana que vem, estaremos lançando o portal da Ordem dos Músicos do Brasil, no qual temos mais de 3 mil benefícios para os músicos baianos e para os músicos brasileiros. Então estamos, aqui, representando os 14 milhões de músicos.

Quero agradecer, realmente, a esta Mesa, principalmente, a Rozania e Ely Razek. Muito obrigado pelo convite também. Vocês são umas guerreiras. Contem com a Ordem dos Músicos do Brasil, pois, hoje, ela tem a representatividade que não tinha. Hoje, os músicos são bem representados. (Palmas)

Quero agradecer ao meu chefe de gabinete, aqui, Boga Gábor. Ele, para quem o não conhece, é um dos maiores músicos do Brasil, que não era reconhecido. Ele tem quatro prêmios do *Grammy Latino*. Tocou, durante 25 anos, com Carlinhos Brown, gravou com Carlos Santana, gravou com tantos outros do mundo inteiro. Ele morou na Alemanha, Europa. E ele não era reconhecido aqui na Bahia. Como pode um músico de um porte deste não ser reconhecido na Bahia, não é?

Então, hoje, a Ordem dos Músicos está mais do que forte. Estamos, aqui, para mostrar, realmente, que os músicos têm o poder da palavra e têm o poder do microfone. No próximo ano, vamos ser representados, vamos trazer músicos, vamos trazer vereadores e deputados músicos para representar a gente no Brasil inteiro.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula): Convidamos, para fazer o uso da palavra, Paulo Vital, diretor de Operações Turísticas da Bahiatursa. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Gostaria de registrar as presenças de Anderson Roberto, do Coed; capelão Raimundo Nonato, assessor de

Comunicação; Rafael, produtor cultural da Febaq; Manuela Magalhães, produtora cultura da Febaq; e Dinho Brasil, de Santo Antônio de Jesus.

Com a palavra Paulo Vital.

O Sr. PAULO VITAL: Boa tarde a todos e a todas.

Eu queria cumprimentar a Mesa em nome da deputada Fabíola Mansur.

Eu vim para falar um pouco da Bahiaturisa. Aqui, alguns já são conhecidos, alguns já amigos desde antes da Bahiaturisa; outros, nos tornamos na Bahiaturisa.

Eu queria, inclusive, informar à deputada que quanto à Lei da Zabumba, nós estamos muito tranquilos. No ano passado, nós fizemos 14% de contratações fora do estado. Durante este ano, não vamos chegar a 10% de contratações. Das 150 atrações que nós vamos contratar para o São João em Salvador, não vamos chegar nem a 10% de atrações externas.

Informamos, também, que, no Pelourinho, nós conseguimos, já há 3 anos, modificar um pouco da estrutura. Nós estamos trabalhando no Pelourinho com o forró original, pois a gente fala o pé de serra. Não tem mais aquele sertanejo universitário não. Hoje, a gente só trabalha com o forró tradicional no Pelourinho. (Palmas) Todas as nossas atrações, no Pelourinho, vão ser de forró tradicional.

Quanto às quadrilhas mencionadas por Carlos, tem 11 anos que a Bahiaturisa apoia as quadrilhas em Periperi. Nós colocamos todas as estruturas juntamente com a Febaq. E é uma coisa muito bonita. Eu, nunca, tinha ido. Fui e, praticamente, não deixo de ir. Ao menos, um dia deixo de correr de um lugar para ver a quadrilha, porque, realmente, é muito bonita.

Nós incorporamos tanto na quadrilha... O nosso receptivo hoje, nós colocamos... Este ano, a gente fez o nosso receptivo de navios. Nós recepcionamos o turista colocando alguns casais de quadrilha no Porto de Salvador para a recepção de turistas. Fazemos, no aeroporto, com o nosso amigo José Bezerra, um trio lá. No ano passado, tivemos a quadrilha. Esperamos ter, novamente, este ano. É um sucesso no aeroporto toda vez que a gente coloca quadrilha. Queria agradecer às quadrilhas, pois, sempre, participam com agente no nosso receptivo.

Gostaria de informar que, durante este ano, dia 21, todas as atrações do estado, em Salvador, serão femininas, ou seja, Forró das Minas. (Palmas) Todo dia 21, todas as atrações de todas as praças da Bahiaturisa e do estado vão ser de atrações femininas. Aviso, também, a todos que o nosso chamamento já está aberto e encerra dia 5 de junho.

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Deputada, só um minuto!

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Continue!

O Sr. PAULO VITAL: Gostaria de informar. Neste ano, no nosso chamamento, nós fizemos uma coisa que muita gente reclamava. Você pode se inscrever, pessoa física, músico, cantor pode ser representado por ele mesmo (palmas), ou seja, não precisa mais ter empresa ou produtora não. Ele, como pessoa física, pode ser representado. Vai lá, faz a sua inscrição, paga o seu imposto como

pessoa física e toca o seu São João e tudo. Estamos lá. Já estamos aguardando vocês chegarem lá. Alguns já foram. Estamos abertos para os outros.

Um abraço para todos.

Obrigado. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Paulo, isso é importante. É importante a gente publicizar este chamamento público de novo: de 21 de maio a 5 de junho para as inscrições.

O Sr. PAULO VITAL: As inscrições já estão abertas. No dia 21 de junho, as nossas atrações serão todas femininas. Agora, o chamamento já está aberto. Ele vai até o dia 5 de junho. E, para quem quiser se inscrever, é só ir lá. Isso, para os artistas que não são notórios e são os artistas iniciantes. Quanto a esses, nós temos uma cota para eles. Vocês já sabem como proceder.

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Muito bem.

Já agradecemos a sua presença.

Esperamos que a Bahiatursa possa ajudar a gente. Como você descreveu, aqui em Salvador, tem quase 90% de forrozeiros tradicionais. Que a gente possa, nos municípios, junto com a UPB, com o presidente Eures, cuidar para fiscalizar se, nos municípios, essa cota de 60% da Lei da Zabumba está sendo cumprida, porque isso é importante para oportunizar os nossos forrozeiros.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Com a palavra Marcelo Sá, já saudando e agradecendo a sua presença, pois ele representa, neste ato, o secretário de Turismo, Fausto Franco. Mandamos um abraço para o Fausto. (Palmas)

Registro as presenças de João Oxente, cantor e compositor de Simões Filho; Ana Maria Teixeira do Nascimento, cantora; Junior Bala, cantor; Joane Bittencourt, cantora e compositora e trianguleira, Raízes Forró Clube. Cadê Joane? Depois tem que Joane trazer o triângulo aqui para eu tocar também.

Com a palavra Marcelo Sá.

O Sr. MARCELO SÁ: Boa tarde a todos.

Estou representando, como disse a deputada Fabíola. Agradeço pelo convite. Estamos representando. Infelizmente, o secretário Fausto teve alguns compromissos externos e pediu para representá-lo.

Como disse o nosso parceiro da Bahiatursa, a Bahiatursa é uma superintendência, hoje, da Secretaria de Turismo, muito bem representada pelo Diogo. E o secretário está de portas abertas para receber todo o movimento cultural do estado. O secretário é muito receptivo, é um jovem que está chegando, recentemente, com muito gás, com muita vontade de trabalhar. E, principalmente, eu soube que ele, agora, no São João, não ficará em um ou dois ou três municípios, pois ele fará um *tour* por vários municípios querendo ver e conhecer tudo que se passa no São João da Bahia.

Dizer, também, que a Secretaria do Turismo está de portas abertas para todos.

Agradecer mais uma vez.

Uma boa tarde. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): O importante, Marcelo, é que essas portas estejam abertas para os nossos forrozeiros e para os nossos artistas. Essa abertura é importante para que eles próprios possam fazer os seus pleitos sem, necessariamente, precisarem de deputados ou de vereadores, porque é importante registrar que a valorização dos forrozeiros começa pela valorização no atendimento do pleito nas nossas secretarias. Isso é que é, extremamente, importante.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Vou passar a presidência dos trabalhos para a deputada Fátima.

A Sr.^a PRESIDENTA (Fátima Nunes Lula): Já estamos quase chegando ao final.

Vamos convidar o Dr. João Carlos Cruz de Oliveira, representando o governo do estado, diretor do IPAC. (Palmas)

Enquanto chega lá, anunciamos as presenças de Márcio Vitorino, diretor social do ISI; William Azevedo, da Quadrilha Poeira do Sertão; Marcone Souza, músico, da Kia Produções; Helder Santos, dançarino da Quadrilha Poeira do Sertão, que veio forte hoje; e do Grupo do ABC Quadrilha Junina.

Com a palavra Dr. João Carlos.

O Sr. JOÃO CARLOS CRUZ DE OLIVEIRA: Bom dia todos.

São 5 minutos para terminar o evento. Vou fechar um pouquinho mais técnico. A Fabíola já conhece o perfil do nosso trabalho. Mas eu queria fazer duas citações rápidas. Marizete, a minha camisa é GG, adorei a camisa, muito bonita. E, ao colega do IPHAN, vamos fazer muito amor mesmo. Vamos divulgar isso aí que é importante.

A gente está falando de uma questão: cultura.

Eu vou citar a fala do deputado porque ele falou sobre as carrancas. Para a gente entender um pouco da dificuldade quando a gente fala da patrimonialização das coisas, seja na ótica do tombamento, ou seja, na ótica do registro. Quando ele falou da carranca e a dificuldade de você, hoje, ter uma produção continuada e o risco, inclusive, da perda dessa produção, a gente tem que pensar o quê? Aquele artista, ele vai a uma área de reserva de mata para fazer a retirada da sua madeira para ele poder fazer a produção do seu artesanato. Imaginar que, hoje, os órgãos ambientais não permitem a retirada dessa madeira.

Então a gente entender que, às vezes, a gente imagina que os órgãos de patrimônio, aqui, representados pelo IPHAN e, a nível estadual, pelo IPAC, podem ser os salvadores de todo o processo. Não o são. Preservação de cultura passa, sistematicamente, por uma relação transversal de governo.

Por isso, é muito importante a gente estar aqui hoje. Eu fiquei feliz de, ao final, a fala ser ainda uma fala mais técnica. A gente deve perceber como fundamental a compreensão da Assembleia Legislativa, através dos mandatos, nesse sentido da preservação, mas que isso possa ser uma política e uma prática de governo.

Para se fazer a patrimonialização do forró, em nível federal, estão previstos, só para o projeto do registro, R\$ 1,3 milhão. Isso é mais do que a metade do orçamento que o IPHAN tem para o Brasil inteiro.

Se a gente for imaginar, e a gente está assumindo um compromisso aqui, porque é um compromisso de governo, e, assim, eu posso falar, com a ótica da patrimonialização da matriz do forró, no âmbito do governo do estado da Bahia, o orçamento do IPAC, durante este ano, é de R\$ 800 mil. Então, é muito legal, é bom, é importante.

Mas, sem a representatividade das Assembleias, sem a compreensão da sociedade civil organizada, a gente, sempre, vai dizer que cultura é muito bom. Mas se a gente não instrumentalizar os órgãos responsáveis pelas políticas, nós, cada vez mais, vamos estar falando não de cultura, mas de folclore.

Então é fundamental que a gente, hoje, pense quando for falar de cultura. Tanto isso é verdade que, hoje, não temos mais um ministério da cultura. Felizmente, na Bahia, ainda, existe uma pasta para discutir cultura dentro da política pública de estado.

Então a gente deve entender que se a gente vai falar de forró, a gente vai falar de música, a gente vai falar de dança, a gente vai falar de culinária, a gente vai falar de design. Quanto ao último item, design, Val representa muito bem. Ou seja, é uma diversidade na produção. Para um único objeto, não dá para se pensar numa política tão ampla e um guarda-chuva tão grande.

Talvez, os colegas que estão aqui das quadrilhas, a gente deve segmentar essas ações em políticas específicas. A gente deve pensar a matriz do forró como uma política pública, pensar a patrimonialização das quadrilhas sob outra ótica.

A gente deve compreender – e aí é importante já fechando o pensamento – da minha experiência com a municipalidade. É muito difícil a gente chegar ao município e o prefeito, talvez, a maior festa do município seja o São João, a gente está falando de um estado com 417 municípios, pois, basicamente, o grande investimento dele, para cultura, é essa festa.

Então ele pega entre um faturamento de 600 mil a quase 4 milhões, a depender da admissão do município. O que ele faz? Ele pensa numa estratégia de território. Ele pega aquele um R\$ 1,2 milhão. E, disso aí, R\$ 1 milhão, ele contrata grandes cachês, porque ele quer competir naquele território. Ele quer fazer uma agenda para que os outros municípios acabem visitando aquela municipalidade que ele representa, que é o interesse dele enquanto prefeito. Mas ele esquece que o pouco que ele deixa ali, ele pode matar a representatividade cultural local.

E nós vamos estar fazendo uma agenda para o Sudeste, para outros nomes e não para a cultura da Bahia. Então, eu acho importante que a gente pense sobre isso, exatamente, quais sejam, essas duas óticas.

É importante a gente estar aqui, hoje. Mas, quanto a essa representatividade, acho que passaram, por aqui, quase 10 deputados estaduais. Temos Sílvio Humberto, tivemos a nossa Alaldice, representando o município. São esses colegas que vão garantir que, amanhã, exista o IPAC, que, amanhã, exista a Secretaria da Cultura, que, amanhã, exista o IPHAN e que, amanhã, exista a cultura brasileira.

Boa sorte a todos. (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Obrigada, João Carlos. Parabéns por fazer tanto com tão pouco.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Dra. Fabíola Mansur): Eu fico muito feliz em ter destinado emendas ao IPAC para a criação do Centro de Cultura do Recôncavo, junto com o deputado Bebeto. E Solon, também, destinamos, junto a Bahiatursa, uma emenda de R\$ 70 mil para forrozeiros locais de Irecê.

O que João Carlos falou é muito importante. Tem gente, aqui, compromissada com a cultura. Tem gente, aqui, que tem enorme orgulho de poder representar vocês no âmbito do Legislativo. Tem gente, aqui, que acredita na força da nossa cultura, na força do Nordeste, na força que vocês têm em nos mobilizar.

D. Joana, porque aquilo, também, eu danço um pouquinho. Se me derem um triângulo, até arranho. Mas é a força da emoção do forró que me mobiliza, Val, e a força da aliança que a gente precisa para, transversalmente, estar dialogando com todos os segmentos, porque, como muito bem João falou, são tantos os matizes do forró como a culinária, a indumentária, a música, a dança. Logo, é difícil fazer tanto com tão pouco investimento. Mas a gente supera a falta de investimento com a nossa vontade.

Quero, aqui, finalizando, dizer que não tem só representatividade de vereadores como Silvio Humberto e Alaldice, mas tem, também, Moisés Lima, vereador da Câmara Municipal de Ouro-lândia que veio aqui e o vereador Pablo Oliveira. Tem o dançarino Enilson, Júnior Baiano, tem Edmilson, do Centro de Formação e Arte, Luciane Braga, Siane, dançarina de forró, enfim, Divaldo, do Lobos do Forró.

Foram tantas as pessoas. Quanto a essas presenças aqui, essas estão registradas na *TV Assembleia*, deputada Fátima. É isso, D. Joana, pois a gente quer que, efetivamente, isso se torne, essa filmagem, aqui, de repente, é algo que possa colaborar com o dossiê.

Aqui, a gente vai ler para você. Teve um documento de agradecimento dos coordenadores do Fórum Estadual de Forró, melhor, forró de raiz. Há compositores, músicos, intérpretes, dançarinos que fizeram uma homenagem a senhora, dona Joana. A gente vai aqui, não pelo tempo da hora, mas eu quero que seja incluso nos nossos Anais, porque pelo seu trabalho de promoção e valorização de uma das formas de cultura mais emblemáticas e mais genuínas da cultura nacional que é o forró.

Assinam o documento: Afonso Gomes, do Fórum Forró de Brasília; Antônia Amargosa, Fórum Forró de Sergipe; Fórum Forró do Ceará, Daniela Piccino; Edilane

Oliveira, do Fórum Forró de Brasília; Henrique Sampaio, da Coordenação do Fórum Forró da Paraíba; Hudson Lira, de Itaúna, Espírito Santo; Isabel Santos, do Fórum Forró de São Paulo; Jadiel Guerra, da Coordenação do Forró do Rio de Janeiro.

E, aqui, mandaram, inclusive, um texto. Eu não sou cordelista, mas vou ter que ler isso, porque isso, também, é importante. Mandaram para você, D. Joana: “*Acredite no poder da música, não deixe de confiar*”. Val, você quer vir aqui ler, Val? Val Macambira? Val, você quer vir ler ou deixa eu ler? (Pausa) Está sem óculos. Bem, como eu sou oftalmologista, vamos lá. Eu sou oftalmologista, mas não sou cordelista. Então, vou tentar ver aqui se consigo.

(Lê) “*Acredite no poder da música
não deixe de confiar
o médico fecha a ferida
mas a música, na vida
é que faz cicatrizar
O bombeiro sobe o prédio
apaga o fogo no lar
mas a música acalma
não deixa as cinzas na alma
tem poder de resgatar
O vigário reza a missa
chega na hora da extremunção
a música espiritualiza
diminui a dor da partida
faz verdadeira comunhão
O artista faz muito sucesso!
com letra ofensiva na canção
o forró fala de emoção,
de respeitar a raiz
por isso que o nordestino diz:
melhor que sucesso
é a realização!
O pedreiro constrói a casa
música constrói um lar
acarinha, acolhe e dá chão
é por isso que não abro mão
de edificar minha morada
cantando em oração!
O Guia abre o terreiro
de branco, em louvação*”

*só através da caridade há salvação
acode ao povo sofrido!
aplica o passe bendito
que o mau foge,
em desesperação!
O psicólogo ajuda a mente aflita
vigia a traiçoeira depressão
a música é terapia
reflete na alegria
então dança um forró todo dia
essa receita não tem contraindicação!
O vereador faz lei
para gente se respeitar
Parem de matar mulheres!
parem de nos violentar!
chega de mandar mulher ‘descer’
chega de ‘pro chão’ nessa cidade.
Façam música pra mudar
essa criminosa realidade!
O compositor escreve a letra
com o que tem no coração
alguns com o que tem no intestino
Meu Deus, que triste destino!
tem os meninos que virão!
Na ausência do respeito
ao cançãoeiro Nordeste
peço ao povo que escute
os poetas do Sertão.
A Mãe embala a cria
ninando com seu cantar
os casais tem ‘sua música’
pro amor comemorar
eu não tenho um grande Dom
mas vou cantar no meu tom
e a Luiz Gonzaga honrar!
O prefeito do interior
diz que sabe o seu papel
chama de Forró o que não é!*

tira da grade o baião e o arrastapé.

Dotô, não me referia ao papel

que entra no seu bolso a granel

falo do respeito ao São João!

falo cultura da tradição

é forró que o povo quer!

Alessandra Gramacho

Quase Junho de 2019.” (Palmas)

E, para terminar, eu queira pedir para subirem aqui, atrás da Mesa, por favor, todos que estão aqui, mas que vão cantar o nosso Hino Nacional, que é o hino à Asa Branca. Zelito Bezerra, Galego do Acordeão, Luis Mário, do Trio Nordestino. Aqui atrás, aqui atrás, pode subir. Val Macambira, Carlos Pita, Chico Leite, Zé Costa, Verlando Gomes, Sissi de Assis, Tiago do Forró do Ralão, Júnior Novais, Rosa Baiana e Celo Costa.

Não tem coisa melhor do que Jamaica da Xote de Anjo. Não tem coisa melhor do que terminar esta sessão com vocês.

A nossa homenagem, o nosso orgulho de ser nordestino e orgulho de estar nesta luta em defesa do forró.

Viva o forró nordestino!

Vamos ao nosso hino! (Palmas)

(Pausa)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

Coisa boa! Em nome da Assembleia, agradecemos a presença desses forrozeiros, que são as verdadeiras autoridades civis aqui.

E declaro encerrada a presente sessão. Viva a luta pelo forró! Viva os forrozeiros!

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.